

FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS DE BAURU – SP  
PÓS – GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E  
APRENDIZAGEM

MARIANA VICENTE GALLI

**BULLYING: CARACTERÍSTICAS DESENCADEADORAS NA  
OPINIÃO DE UNIVERSITÁRIOS**

BAURU - SP  
2017

MARIANA VICENTE GALLI

**BULLYING: CARACTERÍSTICAS DESENCADEADORAS NA  
OPINIÃO DE UNIVERSITÁRIOS**

Manuscrito apresentado como requisito para o Exame de Qualificação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Sandro Caramaschi.

BAURU – SP  
2017

Galli, Mariana Vicente.

Bullying : características desencadeadoras na  
opinião de universitários / Mariana Vicente Galli,  
2017

81 f.

Orientador: Sandro Caramaschi

Dissertação (Mestrado)-Universidade  
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2017

1. Bullying. 2. Gênero. 3. Vitimização. 4.  
Universitário. I. Universidade Estadual Paulista.  
Faculdade de Ciências. II. Título.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARIANA VICENTE GALLI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 24 dias do mês de março do ano de 2017, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro do prédio da pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru, Prof. Dr. FAUSTO ORSI MEDOLA do(a) Departamento de Design / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIM ROLIM RODRIGUES do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências - UNESP/ Campus de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MARIANA VICENTE GALLI, intitulada **BULLYING: CARACTERÍSTICAS DESENCADEADORAS NA OPINIÃO DE UNIVERSITÁRIOS**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI

Prof. Dr. FAUSTO ORSI MEDOLA

Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIM ROLIM RODRIGUES

## ATESTADO DE APROVAÇÃO - DEFESA

Atestamos que **MARIANA VICENTE GALLI**, RA nº: 175789-3, RG nº 46.632.366-9, expedido pela SSP, defendeu, no dia 24/03/2017, a dissertação intitulada **BULLYING: CARACTERÍSTICAS DESENCADEADORAS NA OPINIÃO DE UNIVERSITÁRIOS**, junto ao Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, Curso de Mestrado Acadêmico, tendo sido 'APROVADA'.

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Bauru, 24 de março de 2017



Caroline E. Bolta Rogeri  
Supervisor Técnico de Seção - Substituto  
Seção Técnica de Pós-graduação



## RESUMO

O corpo, a mente, o cérebro e o comportamento humano passaram, ao longo do tempo, por pressões evolutivas, ou seja, alguns mecanismos foram mantidos e aprimorados com a seleção natural. Desta forma, o comportamento humano seria o resultado do predisposto biologicamente e a influência do ambiente.

Assim, alguns comportamentos foram mantidos como, por exemplo, a tendência de viver em grupos que podem tanto beneficiar o indivíduo quanto distorcer e fazer com que o mesmo abandone suas concepções e ideais. O preconceito, o estigma e o estereotipo são exemplos de situações em que o sujeito enfrenta dificuldade na interação grupal. Há de se considerar também que, quando este indivíduo deseja realmente fazer parte do grupo, o mesmo é capaz de manipular seus comportamentos a fim de convergir com o grupo, modificando assim a sua imagem pública.

O *bullying* também pode ser apontado com uma situação em que ocorre a dificuldade de ajustamento grupal, caracterizado por agressões, ações desrespeitosas e assédios, que ocorram de maneira recorrente e intencional sem uma motivação específica do agressor. Desta forma, esta pesquisa se justificou pela necessidade de se compreender por que alguns indivíduos são mais vulneráveis ou propícios a serem vítimas de *bullying*, e assim evoluir o conhecimento sobre o fenômeno, para se obter um recurso a mais no campo científico, bem como a possibilidade de intervenção e prevenção no âmbito social. Desta maneira, objetivou-se investigar qualitativa e quantitativamente quais as características das vítimas de *bullying*, com distinção entre homens e mulheres em diferentes fases do ciclo vital, que desencadeiam tais práticas na opinião de universitários.

Participaram 76 universitários (38 homens e 38 mulheres), com faixa etária de 17-29 anos, que estavam no primeiro e segundo ano de faculdade, nos cursos de Psicologia, Engenharia Elétrica, Biologia e Jornalismo, de uma faculdade pública do interior de São

Paulo. Utilizou-se como instrumento um questionário elaborado pelos pesquisadores, que buscou obter características femininas e masculinas, que os participantes julgavam desencadear as práticas de *bullying* na escola no Ensino Fundamental II (9º ano) / Ensino Médias (1ª a 3ª série) e Ensino Superior.

Como resultado observou-se que as mulheres obtiveram maior variabilidade ao mencionarem as características, em relação aos homens. Notou-se que no passado (Ensino Médio) as características estavam relacionadas a aspectos psicológicos, sociais e, sobretudo físicos, enquanto no presente (Ensino Superior) houve prevalência de aspectos psicológicos e social. As cinco características mais citadas no passado foram: gordo, homossexualidade, racismo, *nerd*, comportamento sexual livre. No presente foram: ideologia, homossexualidade, comportamento sexual livre, racismo e classe social. Outro ponto foi que as mulheres apresentaram mais facilidade para mencionar características de ambos os sexos, enquanto os homens apresentaram mais aptidão para mencionarem características relacionadas ao próprio sexo.

Como conclusão, o estudo apontou que as marcas ou sinais que desencadeiam as práticas de *bullying* são reais, além de comprovar que a distinção de gênero ligada às características das vítimas de *bullying*, está relacionada a fatores biológicos que se acentuam quando analisados sob uma perspectiva cultural. Também se confirmou a existência de características específicas que vulnerabilizam o indivíduo, além de se observar que a práticas hostis também ocorrem na universidade, sendo necessários projetos para promoção de práticas de respeito e aceitação das diferenças.

**Palavras-chave:** Bullying. Gênero. Vitimização. Universitários.

## **ABSTRACT**

The body, mind, brain and human behavior have, over time, passed through evolutionary pressures, that is, some mechanisms have been maintained and improved with natural selection. In this way, human behavior would be the result of biological predisposition and the influence of the environment.

Thus, some behaviors have been maintained, such as the tendency to live in groups that can both benefit the individual and distort them and cause them to abandon their conceptions and ideals. Prejudice, stigma and stereotype are examples of situations in which the subject faces difficulty in group interaction. It must also be considered that when this individual really wants to be part of the group, he is able to manipulate his behavior in order to converge with the group, thus modifying his public image.

Bullying can also be pointed out with a situation in which the difficulty of group adjustment occurs, characterized by aggressions, disrespectful actions and harassment that occur in a recurrent and intentional way without a specific motivation of the aggressor.

Thus, this research was justified by the need to understand why some individuals are more vulnerable or susceptible to be victims of bullying, and thus to evolve the knowledge about the phenomenon, to obtain an additional resource in the scientific field, as well as Possibility of intervention and prevention in the social sphere. In this way, the objective was to investigate qualitatively and quantitatively the characteristics of victims of bullying, with a distinction between men and women in different phases of the life cycle, that trigger such practices in the opinion of university students.

Participants were 76 university students (38 men and 38 women), aged 17-29, who were in the first and second year of college, in the Psychology, Electrical Engineering, Biology and Journalism courses of a public college in the interior of São Paulo. A questionnaire



developed by the researchers was used as instrument, that sought to obtain feminine and masculine characteristics, that the participants judged to initiate the bullying practices in the school in Elementary School II (9th grade) / Teaching Medium (1st to 3rd grade) and Higher Education.

As a result, it was observed that women obtained greater variability when mentioning characteristics, in relation to men. It was noted that in the past (Teaching Medium) the characteristics were related to psychological, social and, above all, physical aspects, while in the present (Higher Education) there was a prevalence of psychological and social aspects. The five characteristics most cited in the past were: fat, homosexuality, racism, nerd, free sexual behavior. At present they were: ideology, homosexuality, free sexual behavior, racism and social class. Another point was that women were easier to mention characteristics of both sexes, while men were more apt to mention characteristics related to their sex.

In conclusion, the study pointed out that the marks or signs that trigger the practices of bullying are real, besides proving that the gender distinction related to the characteristics of the victims of bullying, are related to biological factors that are accentuated when analyzed from a cultural perspective. It was also confirmed the existence of specific characteristics that vulnerabilize the individual, besides observing that hostile practices also occur in the university, and projects are needed to promote practices of respect and acceptance of differences.

Key words: Bullying. Genre. Victimization. Universities.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1	A influência do grupo no comportamento individual .....	10
1.2	O fenômeno <i>bullying</i> .....	21
1.3	<i>Bullying</i> no contexto escolar .....	32
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>43</b>
<b>3</b>	<b>OBJETIVO</b> .....	<b>43</b>
<b>4</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>44</b>
4.1	Participantes .....	44
4.2	Instrumentos .....	44
4.3	Procedimento.....	45
4.4	Análise de Dados.....	46
<b>5</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	<b>47</b>
<b>6</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>63</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>73</b>
	REFERÊNCIAS.....	73

## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 A influência do grupo no comportamento individual**

Para a Psicologia Evolucionista (PE), o corpo e a mente são resultados de um processo evolutivo, no qual as espécies surgiram e se modificaram devido a influências ambientais. Não só o corpo e mente, mas também o cérebro e o comportamento humano passaram por pressões evolutivas fazendo com que os principais mecanismos e traços da mente fossem mantidos e aprimorados com a seleção natural (DARWIN, 1859/2009; VASCONCELOS; GAUER, 2004; LOPES; VASCONCELLOS, 2008).

Várias vertentes se propuseram a estudar sobre comportamento e mente humana dentro da perspectiva da PE. Uma delas é a sociobiologia, que destaca a teoria da herança biológica, justificando as mudanças no comportamento humano no processo evolutivo, a fatores como o sexo, a religião, a agressão e a xenofobia (WILSON, 1975). Lordelo (2010) ressalta que o ambiente físico, social e cultural são essenciais no desenvolvimento humano, sendo a aprendizagem o resultado da interação do indivíduo como ser psicológico evoluído com os contextos ambientais individuais.

Contudo, a PE acredita que o desenvolvimento humano é resultado da herança biológica e da cultura o qual homem está inserido, ou seja, a cultura é propagada geneticamente, apesar de seu teor não ser. Isto significa que ser humano possui em seus genes uma habilidade que o define enquanto espécie capaz de constituir cultura independente de qualquer dificuldade, tornando-o biologicamente cultural (BUSSAB; RIBEIRO, 1998). Desta forma, o sujeito possui uma predisposição biológica que será influenciada pelo ambiente nas determinações culturais que resultarão em determinados tipos de comportamento. Esta vertente da PE entende que o homem já nasce com seus comportamentos predispostos, ponderando a relevância da vivência e seu comportamento

nas diferentes fases da vida. É o exemplo da linguagem, especificidade da espécie humana (universal), que só dependerá da determinação cultural para a reprodução de padrões comportamentais existentes biologicamente (HATTORI; YAMAMOTO, 2012; SCHULTZ; SCHULTZ, 2006).

Feist e Feist (2008) também afirmam que o comportamento humano é constantemente influenciado por contingências ambientais e estas, por sua vez, podem estar relacionadas a um grupo social a que o indivíduo pertence. O homem possui a tendência de organizar-se em grupos, pois desde os seus primórdios, ele obtém um ganho secundário ao agrupar-se, como, por exemplo, quando na idade da pedra formava clãs para proteger-se dos animais, tribos inimigas e desastres naturais. No entanto, nem sempre o engajamento a um grupo social é reforçador. Pode - se citar casos em que: a) o indivíduo é afrontado pelo grupo, mas escolhe permanecer nele por ser reforçado por alguns membros dele; b) alguns indivíduos como, por exemplo, as crianças não possuem recursos para deixa-lo; e, c) o reforço é intermitente, variando entre afrontamento e recompensa. Portanto, os grupos controlam o comportamento dos seus integrantes, estabelecendo regras, leis e costumes, que podem apresentar-se de forma implícita ou explícita, controlando o modo de vida de seus membros.

O agrupamento social é denominado por coesão grupal, no qual entende-se que o indivíduo possui a necessidade de aproximar-se e a necessidade de pertencer a um grupo, onde geralmente seu comportamento acaba induzido pelos demais integrantes. Há casos em que o comportamento é instigado positivamente, como nas situações de produtividade e aprendizagem, porém existem situações onde o indivíduo é suscitado negativamente, distorcendo ou abandonando suas concepções individuais (BASTOS, 2008). Assim, qualquer sociedade é constituída por um grupo de indivíduos que têm um objetivo amplo e comum e, apesar disso, algumas determinações são afetadas pela

subjetividade dos membros pertencentes a ele prejudicando tais instituições (HATTORI; SOUZA; GUEDES, 2011).

Neste sentido, a PE entende que o processo de agrupamento, desde os nossos ancestrais, é produto dos mecanismos psicológicos evoluídos (ajustamento das informações do ambiente interno e externo ao sujeito), que buscam solucionar questões adaptativas assegurando o sucesso reprodutivo. Deste modo, a cooperação com os demais membros da grupo seria justificado para evitar predadores, busca por alimentos e seleção de parceiros (BARKOW; COSMIDES; TOOBY, 1992; TOOBY; COSMIDES, 2005; YAMAMOTO, 2009; SCHULTZ; SCHULTZ, 2006; PINKER, 2004, WRIGHT, 2005).

Para Lane (2006), as relações interpessoais são de suma importância, visto que o homem constantemente está inserido em instituições, pertencendo a grupos que possuem princípios, objetivos, conteúdos, que orientam as interações entre seus membros ao mesmo tempo em que definem seus papéis e identidade social. Desde o momento em que ele nasce é inserido em um grupo, por isso é um ser social. Sua família é o primeiro deles e ao longo de sua vida participará de vários outros grupos como a escola e o trabalho. Para a autora, o papel da Psicologia Social é compreender como o sujeito influencia e é influenciado pela sociedade em que ele está inserido e como se dão as suas relações.

No entanto, existem casos onde ocorre a dificuldade na interação entre os membros de um grupo, a partir da qual perspectivas preconcebidas acerca das características e comportamentos modulam as interações. São os chamados estereótipos, ou seja, pressupostos sobre determinadas pessoas, que levam à generalizações a partir de situações anteriores, sem ligação com o seu contexto atual. Neste sentido atribui-se a personalidade de “isolado” a todos os surdos, “revoltado” a todos os deficientes físicos e a “desonestidade”, a todos os negros. Instala-se, então, uma situação de preconceito (BASTOS, 2008).

Para a PE os modelos comportamentais estereotipados seriam o resultado adaptativo dos indivíduos às regularidades do ambiente, o que o leva à redução da capacidade de reconhecimento e processamento das informações, ocasionando um funcionamento instantâneo e imponderado, afim de destinar a sua atenção à questões mais relevantes como, por exemplo, a existência de predadores. Há casos em que tal comportamento ocorre de forma repetitiva devido à presença de um ambiente empobrecido, menos funcional e prejudicial ao desenvolvimento do sujeito (MANSON, 1991).

Para Amaral (1998), o estereótipo:

É a concretização/ personificação do preconceito. Cria-se um fixo imutável que caracterizará o objeto em questão – seja ele uma pessoa, um grupo ou um fenômeno. Esse estereótipo será o alvo das ações subsequentes e, ao mesmo tempo, o biomboque estará interposto entre o agente da ação e a pessoa real à sua frente (AMARAL, 1998, p. 18).

A fim de se compreender o termo preconceito é necessário tomar conhecimento sobre questões relacionadas às diferenças, semelhanças, homogeneidade e normalidade de um modelo previamente estabelecido. A ideia de diferente pode parecer simples e sem importância quando se refere ao termo dessemelhança, como por exemplo, comparar a cor dos cabelos de uma pessoa (AMARAL, 1998). A grande questão é quando está relacionada a contextos onde tal comparação ocorre com a intenção de apontar o desvio da normalidade, no qual alguns critérios contribuem com a realização destes apontamentos:

O critério estatístico tem duas vertentes. Uma delas é a “média” (variável matematicamente alcançada pelo consciente da soma de  $n$  valores por  $n$ ) que nos dá, por exemplo, a altura média do homem brasileiro como sendo  $x$  e, assim, todos aqueles que se afastarem significativamente dela – os muito acima ou abaixo – são diferentes, são desviantes, são anormais. A outra vertente é a “moda” (variável que corresponde a um máximo de frequência em uma curva de distribuição) que nos dá, por exemplo, a maior frequência de mulheres

sendo professoras de 1º grau, e assim, homens que exercem essa forma de magistério seriam diferentes, desviantes, anormais (AMARAL, 1998, p. 13).

Outro critério existente é o estrutural/ funcional, onde o homem determina um padrão estrutural e funcional tanto para os seres humanos, como para os objetos. Neste sentido, a espécie humana tem na sua forma e função, a existência de características como, por exemplo, cabeça, corpo e membros íntegros e localizados de forma padrão. Qualquer desvio em relação a este padrão será considerado diferente, anormal. E, por fim, o último critério está relacionado ao fato do indivíduo ter a tendência de comparar uma pessoa ou grupo social a um ideal desejado, que é construído e determinado por um grupo dominante. Esta exigência instalada, muitas vezes, mostra – se como resultado dos dois primeiros critérios citados, legitimando o preconceito e estabelecendo estigmas (AMARAL, 1998).

Para Goffman (1988) pessoas que se afastam do ideal exigido por determinado grupo, em determinado contexto, tendem a ser marginalizadas, estigmatizadas, ou seja, elas possuem um marca ou sinal da sua anormalidade, que pode ser de caráter corporal, comportamental ou de inserção tribal sendo desaprovadas por um grupo. Para o autor o termo estigma é arcaico, sendo que os gregos utilizavam como recurso visual para marcar, com cortes e fogo no corpo, escravos, criminosos, traidores, enfim, indivíduos que possuíam algum mal referente à moral ou algo extraordinário. Já na Era Cristã, o estigma era considerado uma graça divina, que se manifestava na forma de distúrbios corporais ou marcas naturais na pele. Atualmente a sociedade possui a tendência de categorizar seus membros relacionando o ambiente ao qual ele pertence, com os atributos que ele possui. Tais atributos podem ser considerados comuns e naturais, atendendo às expectativas normativas exigidas pelo grupo social, ou atributos estranhos, onde o indivíduo é percebido pelo grupo como uma espécie estranha, tornando-se menos desejável, que apresenta fraquezas, desvantagens ou até mesmo como alguém maldoso e

perigoso. Diante disso, é possível categorizar a identidade social do indivíduo em dois níveis: o real, que ele prova possuir tais atributos e, o virtual, com atributos imputados a ele (GOFFMAN, 1988).

O estigma dispõe de atributos depreciativos. No entanto, serve para confirmar a normalidade do outro. Neste caso é viável citar os três tipos de estigma: a deficiência física (compleição, aparência, altura), o caráter individual (distúrbio mental, prisão, vício, homossexualidade, desemprego, tentativa de suicídio, comportamento político radical) e o caráter tribal (raças, nação, religião). Com isso, é possível afirmar que as exigências sociais a um indivíduo são constantes e, por isso, ele poderá facilmente mudar de natureza, passando de aceito, para estigmatizado. Como um indivíduo que possui a mesma característica sociológica pode ser discriminado por um grupo? O fato é que, o grupo é que determinará a perspectiva de avaliação dos atributos do indivíduo, que passam a ser incongruentes com o estereótipo para determinar grupos ou indivíduos. O traço que impõe atenção e o afastamento dos outros destruirá a possibilidade que os demais vejam seus outros atributos positivos. Também, é possível afirmar que, o ato de estigmatizar um indivíduo, não é humanitário reduzindo as chances de vida e desenvolvimento do mesmo (GOFFMAN, 1988).

Segundo Dalbosco et al. (2008) pessoas estigmatizadas constroem sua identidade pessoal e coletiva através de símbolos. Desta forma, quando se deseja estudar um grupo e seus problemas sociais há de se observar os símbolos envolvidos e como as pessoas os compreendem e os empregam.

Por vezes, a informação social transmitida pelos símbolos pode confirmar aquilo que se diz sobre o indivíduo, completando, assim, a imagem que temos dele. A construção da identidade social do indivíduo está diretamente relacionada ao fato deste poder escolher quando pode e como se apresentar publicamente com o grupo, pois isso



passa a representar sua imagem e identidade social. A imagem pública pode dar a possibilidade de o indivíduo manipular informações e comportamentos, visando construir sua identidade social. Neste sentido, a imagem pública de um indivíduo precisa ser devidamente avaliada, pois em dada circunstância, ele pode estar encobrindo determinada característica pessoal para ser aceito (convergir) pelo grupo ao qual pertence. Por outro lado, a imagem fiel do indivíduo pode levar a não ser aceito pelo grupo (GOFFMAN, 1982 *apud* DALBOSCO et al., 2008).

Miller (1965) ressalta que constantemente escolhemos as pessoas que nos relacionamos, seja um amigo, um parceiro sexual ou até mesmo um sócio para negócios. Isto porque, as culturas humanas possuem padrões para valorizar e caracterizar seus indivíduos, que aferem “à percepção que outras pessoas têm do status, prestígio ou “cara” de um indivíduo (p.214)”, e também “a percepção das outras pessoas sobre as virtudes morais de um indivíduo (p.215)”.

Desta forma, uma das explicações para as práticas de *bullying* seria a própria cultura que o sujeito está inserido exercendo forte influência sobre ele, uma vez que este constrói sua imagem corporal pautado em sua sociedade que instiga a busca incessante pela beleza e perfeição da autoimagem (FROST, 2005).

Para Alves et al. (2009) a construção da imagem corporal também é influenciada pela dinâmica que o indivíduo estabelece com sua cultura. Cada pessoa busca constantemente práticas socialmente aceitas, a fim de alcançar os requisitos exigidos pelo meio que está inserido para satisfazer suas necessidades e atingir a imagem ideal, muitas vezes assumindo uma postura preconceituosa diante do diferente. Além da busca pela construção da própria imagem, deve-se considerar a expressão dos comportamentos adaptativos predispostos biologicamente presentes a cada etapa de seu desenvolvimento que, quando obtém sucesso em situações referentes à sobrevivência e a

reprodução, contribuem com a seleção natural de processos psicológicos que possibilitam a sua expressão (GEARY; BJORKLUND, 2000).

Rocha (2003) define este fenômeno como etnocentrismo, a fim de justificar a tendência que o ser humano tem de agrupar-se socialmente e construir seus referenciais culturais pautados neste grupo, como se esta fosse a única verdade existente. Estes referenciais estão relacionados aos valores, crenças, leis, moral e costumes os quais conduzirão a forma como o indivíduo se relacionará com o mundo que o cerca. Diante disto, o indivíduo passa a enxergar a existência do mundo a partir dos valores e modelos estabelecidos pelos membros do grupo que pertence e estes, por sua vez, irão influenciá-lo na forma de pensar, sentir e agir. Esta seria uma das justificativas, para o indivíduo agir com sentimento de estranheza, medo e hostilidade diante do diferente (ROCHA, 2003).

Outro fator relacionado à cultura é citado por Vianna e Ridenti (1998) trata-se do gênero, que está relacionado às questões de organização social, ou seja, à construção das representações sociais e culturais, valores e atribuições sociais pautadas em características biológicas, como por exemplo, força física. As relações de gênero remetem às distinções do corpo do homem e da mulher, além de definições padrões do que é feminino e o que é masculino. Diante disso, quase todas as sociedades organizam a divisão do trabalho com base em fundamentações biológicas e de gênero, fragmentando os afazeres em duas esferas: a) pública (relacionada ao homem que assume atividades políticas e do mercado de trabalho) e, b) privada (relacionada à mulher com atividades domésticas, vinculadas à reprodução e cuidado das crianças).

Uma série de comportamentos sociais podem ser justificados pela PE como o fato da exibição de animais para seleção e aprovação de parceiros para reprodução, a formação e o envolvimento de grupos de solteiros e indivíduos sem filhos em situações de perigo e violência, a preferência dos homens em atividades materiais e realistas,

enquanto que as mulheres preferem atividades sociais e abstratas (FLORES, 2002; GONÇALVES, 2010; RIPARDO et al., 2012; HANSEN et al. 2007; LORDELO; BICHARA, 2009). Percebe-se que apesar da diferença existente em cada região e país com a sua cultura, a distinção entre o sexo feminino e masculino, por vezes são mantidos em qualquer lugar, isto porque existe uma propensão dos comportamentos de acordo com cada papel sexual sendo o ambiente essencial para determiná-los. Outro exemplo disto é a relação familiar, que com as mudanças de padrões e regras contemporâneas para a seleção de parceiros fez com que houvesse novas exigências e algumas ausências criando a necessidade de uma determinada pessoa que assumisse a responsabilidade patriarcal (SPINELLI; HATTORI; SOUSA, 2010).

Para Heilborn (1992), além da visão do determinismo biológico, há a contribuição da antropologia para uma possível explicação para as questões da distinção entre homens e mulheres. Esta explicação está relacionada ao funcionalismo de sociedades primitivas que evoluíram ao longo do tempo, ou seja, o homem possuía uma composição biológica de força física ajustada para a caça e proteção da família, enquanto que às mulheres competiam os afazeres da maternidade e coleta de alimentos. A autora ainda realizou uma pesquisa em bairros populares no Rio de Janeiro no ano de 1995, buscando observar o tempo gasto por crianças de ambos os sexos com atividades do lar. Sua investigação apontou para um determinismo de papéis em relação ao gênero, ou seja, meninas desempenhavam atividades domésticas a partir dos cinco anos de idade como, por exemplo, varrer a casa, lavar e passar roupa, cuidar de irmãos menores, enquanto que os meninos apresentaram mais tempo livre para brincar, e desempenhavam tarefas domésticas “externas” como, por exemplo, varrer o quintal e colocar o lixo na rua.

Sobretudo, a mulher tem conquistado seu espaço no âmbito social e profissional, dividindo o cuidado da casa e da família com seus parceiros, mas em

determinados segmentos sociais ainda se percebe tal assimetria. É o caso das escolas, que também apresentam situações de preconceito diante de atividades socialmente definidas como masculinas e femininas sem nenhum critério definido. Enfim, cristalização de práticas escolares que polarizam os sexos dificulta novas maneiras de se estabelecer as relações sociais (VIANNA; RIDENTI, 1998).

Vianna e Ridenti (1998) argumentam que uma política de igualdade nas relações de poder e privilégios seria uma solução para as distinções de sexo. No entanto, esta política ainda está distante de se concretizar, uma vez que o preconceito muitas vezes atua como justificativa do estigma e o próprio indivíduo acaba se vitimizando.

Um bebê quando nasce poderá ser do sexo masculino ou feminino, tendo como fator de distinção as diferenças anatômicas. No entanto, com o passar do tempo, de acordo com a vivência do mesmo com outras figuras adultas, ele adquirirá determinados comportamentos que lhe serão ensinados de forma sutil e não verbal. Desta maneira, tais comportamentos prevalecerão à medida que forem reforçados por meio de expressões faciais, frases e tom de voz de apreciação (DAVIS, 1979).

Em um nível subliminar, ainda é possível apontar o modo de se movimentar observado em homens e mulheres. Este fato está muito mais associado a algo que é aprendido com a cultura do que ao inatismo, sendo uma incógnita como e quando as crianças aprendem tais referenciais. Por exemplo: as mulheres andam com o quadril para frente e os homens para trás; o gesto de munheca mole que nos parece afeminado, em algumas regiões do Oriente Médio é tido como algo natural; americanos cruzam as pernas apoiando o tornozelo sobre o outro joelho, enquanto que ingleses e latinos cruzam as pernas alinhando os joelhos um sobre o outro parecendo um gesto efeminado (DAVIS, 1979).

Na opinião de Davis (1979, p. 25) “não se trata apenas de convencionalismos, mas sim de preconceitos corporais”. A autora ainda salienta que: “Os sinais de sexo são realçados em certas ocasiões e dissimulados em outras. E nem mesmo são, necessariamente um sinal de atração sexual” (DAVIS, 1979, p.26). O ser humano apresenta diversos traços de uniformidade, embora homens e mulheres se diferenciem em alguns aspectos biológicos como, por exemplo, tom da voz, pelos no rosto e tamanho dos mamilos, entretanto estas características podem não ser distintivas se observarmos indivíduos separadamente. Portanto, para se dizer que um indivíduo é masculino ou feminino leva-se em consideração a soma das diversas características sexuais e a maneira como ele se movimenta. Nestes casos é importante que se considere o jogo das relações sociais, que podem provocar comportamentos opostos ao seu sexo a fim de ser recompensado. Por exemplo, um homem facilmente pode apresentar gestos femininos a fim de afastar companhia feminina, bem como enfatizar as características da sua masculinidade fazendo com que a mesma também se afaste, tudo dependerá do contexto e da intenção do comportamento. A autora ainda salienta o esclarecimento sobre a comunicação feito pelo cientista professor e antropólogo Ray Birdwhistell, especialista em cinética:

A comunicação não é como um aparelho emissor e um receptor. É uma negociação entre duas pessoas, um ato criativo. Não se pode medi-la só pelo entendimento preciso daquilo que eu digo, mas também pela contribuição do próximo, pela mudança em nós dois. E quando nós nos comunicamos de verdade, formamos um sistema de interação e reação, integrado com harmonia (DAVIS, 1979, p. 28).

A aparência física é outro aspecto citado pela autora, que ela ressalta a ideia de que o indivíduo aprende expressões faciais de determinaram a forma do seu rosto, ou seja, há uma forte influência cultural. Talvez esta seja a explicação, para que pessoas de determinadas regiões de um país se pareçam, ou até mesmo explicar o fato de uma criança adotada, com o tempo, tornar-se parecida com seus pais adotivos (DAVIS, 1979). As

expressões faciais exercem grande papel na comunicação, pois indicam comportamentos que apontam condutas e reações (LORDELO et al. 2006; MENDES; MOURA, 2009; POLIPPO et al., 2016)

## 1.2 O fenômeno *bullying*

Fante (2012) define o fenômeno *bullying* como o desejo consciente e determinado de maltratar e colocar uma pessoa sob tensão. A autora ainda ressalta que para alguns pesquisadores, uma prática só é considerada *bullying* quando ocorrem três ataques com a mesma vítima no mesmo ano, envolvendo comportamentos hostis e uma série de atitudes agressivas que ocorrem repetidamente. Nela é percebida a presença de uma relação interpessoal de desequilíbrio de poder, violência, assédio, insulto, intimidação, exclusão e discriminação, que ocorrem sem nenhum motivo evidente. Essas provocações podem ser suscitadas pela aparência física ou comportamentos da vítima, que instigam o agressor a criar situações de angústia, sofrimento e intimidação. Desta forma, as características físicas de um determinado indivíduo, não aceitas pelo outro ocasionam atitudes preconceituosas, que podem estar associadas ao *bullying*, criando situações de humilhação e depreciação (FANTE, 2012).

O *bullying* pode ocorrer em qualquer escola, independente da sua localização, cultura e poder econômico, podendo apenas haver variações dos índices de cada realidade escolar, ou seja, contexto e postura tomada diante a violência entre os alunos. É caracterizada pela sua ocorrência silenciosa, caracterizada pela violência oculta e o mutismo da vítima. Geralmente os adultos, pais, professores e funcionários, têm dificuldade em perceber tais ações, no entanto, algumas características podem ser observadas nas vítimas tais como queda do rendimento escolar e resistência em ir à aula. Isso ocorre devido ao sentimento de vergonha de ter apanhado ou sofrido gozação na

escola, ou até mesmo pelo medo de represálias do agressor. Também é observado que as relações de desequilíbrio de poder ocorrem nos casos em que a vítima não é capaz de motivar outros indivíduos em sua defesa, ou até mesmo por questões como: estar em minoria e possuir menor estrutura ou força física, ter pouca habilidade de defesa e ausência de valorização pessoal, além de apresentar falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica diante o agressor. Todos esses impasses podem ser resultado de um desenvolvimento social emocional e intelectual ineficaz (SANDERS; PHYE, 2004; FANTE, 2012; SILVA, 2010).

Na opinião de Silva (2010, p. 22) “o termo *bullying* pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais”. O mesmo tem sua etimologia inglesa, onde *bully* significa tirano, valentão, e *bullying* está relacionado ao conjunto de atitudes de violência físicas e psicológicas praticadas contra a vítima. Desta forma, *bullying* é todo comportamento violento, no âmbito escolar, que envolva agressões, ações desrespeitosas e assédios, que ocorram de maneira recorrente e intencional sem uma motivação específica do agressor (SILVA, 2010).

O fenômeno *bullying* foi estudado pela primeira vez no início da década de 70 na Suécia, quando o número de casos de violência escolar aumentou significativamente tornando-se um fator de preocupação e interesse de pais e pesquisadores dos países escandinavos. Em 1982, na Noruega, três crianças entre 10 e 14 anos se suicidaram, chamando a atenção em proporção nacional a ponto do Ministério da Educação da Noruega propor campanhas de combate ao *bullying* escolar (SILVA, 2010; BORGES, 2015).

Sobre investigações das práticas de *bullying*, no Ensino Médio, Prodócimo et al. (2013) registra a queda da incidência de violência nesta fase escolar, enquanto Moura,

Cruz e Quevedo (2011) e Santos e Kienen (2014) promovem certa incerteza quanto a tais situações, pois ao passo que concordam com a diminuição da violência, salientam que há um aumento da agressão verbal entre os pré-adolescentes. Tal dado sugere imprecisão quanto à queda na incidência suscitando a seguinte pergunta: realmente há uma redução ou as agressões passam a ocorrer de forma indireta e sutil? Assim, se faz necessário um aumento das produções científicas com o público alvo do ensino médio que já lida com tantos dilemas de identidade.

Já no Ensino Superior, um estudo longitudinal realizado na Noruega com 3674 jovens apontou que 14% dos participantes afirmaram as práticas de *bullying* no Ensino Superior, e dentre os indivíduos mais propícios a tais ocorrências, figuravam aqueles com pais divorciados, pais com baixo nível educacional, os que viviam em situações econômicas precárias, apresentavam dores musculares/ esqueléticas e angústia mental (LIEN; WELANDER-VATN, 2013).

Segundo Silva (2010) e Pereira (2014), no Brasil estudos e atenção para o fenômeno ainda são recentes, no entanto, já existe a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) que realiza, desde 2001, pesquisas e divulgação sobre este fenômeno. Os casos de *bullying* também têm contado com as Varas da Infância e da Adolescência, nos quais a maioria das denúncias de agressão é advinda de escolas públicas, uma vez que as escolas particulares acabam abafando os casos com medo de perderem seus clientes.

A autora ainda salienta que:

No Brasil existe um Projeto de Lei (nº 350, de 2007) do deputado estadual Paulo Alexandre Barbosa (PSDB-SP), no qual o Poder Executivo fica autorizado a instituir o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do estado de São Paulo (SILVA, 2010, p. 119).



Infelizmente este projeto ainda está aguardando o processo de votação da Câmara Legislativa de São Paulo, no entanto, a autora ressalta a importância do trabalho conjunto entre pais, escola, políticos e veículos de comunicação para colocar em prática planos de prevenção e intervenção. Somente assim será possível divulgar e conscientizar a sociedade sobre o assunto (SILVA, 2010).

Os episódios de *bullying* geralmente ocorrem longe da presença dos adultos e, geralmente, não há reclamações das vítimas por medo de retaliação. Os mesmos podem se configurar na forma *direta*, incluindo comportamentos de bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar e atirar objetos contra as vítimas; *indiretas*, abrangendo comportamentos de insultar, ofender, xingar, fazer gozação, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas, “zoar”, irritar, humilhar ou ridicularizar, excluir, isolar, ignorar ou desprezar, discriminar, aterrorizar, ameaçar, chantagear, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos entre colegas de caráter ofensivo e fazer intrigas. Também é possível mencionar o *bullying* em um caráter sexual, que inclui práticas como abusar, violentar, assediar e insinuar (SILVA, 2010; DERBABIEUX, 2002)

Olweus (2006) descreve dois tipos de *bullying*: a) *direto*, é quando a vítima sofre com agressões físicas, verbais, gestos provocativos, apelidos e roubo, geralmente praticado por meninos; b) *indireto*, que está relacionado a atitudes de isolamento social, indiferença, exclusão, difamação quando as vítimas estão ausentes ou não, sendo mais praticado pelas meninas. Papalia e Feldman (2013) também mencionam a relação da distinção de sexo com a prática desta agressividade hostil, onde meninos realizam mais agressões diretas e as meninas agressões sociais, ou seja, indiretas.

Uma revisão de 148 estudos sobre a distinção de sexo e formas de agressividade, realizado por Card et al. (2008) revelou que a agressão indireta é predominantemente feminina. Ristum (2010) e Silva (2010) também evidenciam que

meninos e meninas estão envolvidos nos diversos papéis da prática de *bullying*. As meninas estão envolvidas com comportamento de terror psicológico, manipulação de outras meninas contra “colegas-alvo”, mexericos e intrigas e, os meninos apresentam comportamentos de força física e demonstração de poder sobre os demais, onde o agressor quase sempre exerce o papel de líder e é caracterizado por ser esperto, espectador, frio, além de submeter e induzir o comportamento de outras crianças.

Para Sandstrom e Coie (1999), estas crianças agressivas são vistas como os mais populares dentro da sala de aula. Em um de seus estudos realizado com crianças rejeitadas da 4ª série, demonstrou que meninos agressivos tendem a ganhar *status* social no final da 5ª série, evidenciando que tal comportamento é reconhecido como aceitável e fascinante por pré-adolescentes.

Ainda a respeito das práticas diretas de *bullying*, uma investigação realizada na Grã Bretanha sobre perseguições juvenis apontou que tal ocorrência é mais evidente nos meninos, enquanto que o maior número de vítimas está relacionado ao sexo feminino. Os pesquisadores ainda salientaram que os tipos de perseguições mais comuns envolviam ameaças, agressões físicas e sexuais (PURCELL et al., 2009).

Quanto aos protagonistas envolvidos com o *bullying*, é possível mencionar três tipos de participantes: os agressores, as vítimas, e os espectadores (testemunhas).

### 1.1.1 Agressores

Os agressores comumente são aqueles indivíduos que se utilizam do abuso de poder, intimidação e prepotência, para impor autoridade e manter a vítima sob domínio. De modo geral apresentam as seguintes características: traços de desrespeito e “maldade”, agem sozinhos ou em grupo, possuem aversão às normas, não aceitam ser contrariados

ou “frustrados”, apresentam desempenho escolar deficitário e, geralmente, estão envolvidos em pequenos delitos (furtos, roubo e vandalismo). Todos esses indícios de uma afetividade deficitária podem ser resultado do temperamento do agressor ou de lares desestruturados (SILVA, 2010; PEREIRA, 2014; BORGES 2015).

Geralmente, os agressores culpam as vítimas por suas atitudes, mas o fato é que essas pessoas geralmente, no decorrer do seu desenvolvimento, não adquiriram subsídios psicológicos suficientes para lidar com situações de medo, frustração e raiva, geralmente pela ausência de afeto e por sofrerem violência na primeira e segunda infância. Desta maneira, não aprenderam habilidades de autocontrole emocional, apresentando assim, comportamentos autodestrutivos, agressivos e de indiferença como resposta para lidar com emoções desconhecidas, pois a mesma não possui referência de experiências anteriores (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Beaudoin (2007) afirma que o agressor do *bullying* manifesta o ato de violência contra a vítima por ser infeliz, se sentir desvinculado ou impotente em outras áreas da sua vida e ter baixa autoestima.

Outro fator de risco é o uso de drogas, que contribui para a incidências das práticas de *bullying*, principalmente para as agressões físicas entre o sexo masculino, considerando que o uso de álcool também favorece para que tais situações ocorram. Contudo, cabe ressaltar que a violência física mostra-se presente em ambos os sexos, além do consumo de álcool e drogas ilícitas potencializarem as situações de hostilidade (ANDRADE et al., 2012).

### 1.1.2 Vítimas

Para Silva (2010), as vítimas podem ser classificadas em três subgrupos: “vítima típica”, “vítima provocadora” e “vítima agressora”. A “vítima típica” é aquela que demonstra facilmente suas inseguranças, na forma de sensibilidade, passividade, submissão, falta de coordenação motora, baixa autoestima, ansiedade excessiva, dificuldade em se expressar, apresenta pouca habilidade social, é tímida ou reservada, não reage a comportamentos agressivos e de provocação. A autora ainda salienta que:

Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes...Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do bullying (SILVA, 2010, p.38).

Hanish e Guerra (2004, apud SANTROCK, 2014) citam em suas pesquisas que, crianças que cometem *bullying* são aquelas com maior probabilidade de tirar notas baixas, ingerir álcool e fumar. Já as vítimas de *bullying* são caracterizadas por dois grupos: a) ansiosas e isoladas socialmente, que não são passíveis de acusarem os agressores por se sentirem intimidadas e por medo de retaliação e, b) agressivas, que apresentam comportamento irritante para seus agressores.

Já as “vítimas provocadoras”, geralmente são aquelas crianças ou adolescentes hiperativos, impulsivos ou imaturos, que chamam a atenção dos legítimos agressores e estes, por sua vez, se aproveitam da situação desviando a atenção para vítimas provocadora, como se essas fossem os verdadeiros agressores. Este comportamento, de instigar reações agressivas de colegas contra si mesmas, faz com que

estes indivíduos acabem discutindo ou brigando quando são atacadas ou insultadas não reagindo aos revides satisfatoriamente (SILVA, 2010; BORGES, 2015).

Um estudo realizado por Moura, Cruz e Quevedo (2011) com alunos de 1ª a 8ª série, em uma escola pública de Pelotas (RS), analisou a prevalência de vítimas de *bullying*, considerando suas características e sintomas associados a áreas emocionais, de conduta, hiperatividade e relacionamento. Assim, constatou-se que o tipo de intimidação mais usual é a verbal, além das vítimas se apresentarem causadoras do *bullying*, sendo o sexo masculino (com hiperatividade e com problemas de relacionamento com os colegas) a parcela com maior associação ao *bullying*.

Já as “vítimas agressoras” são reprodutores dos maus-tratos sofridos, responsáveis por manter o círculo vicioso de violência no ambiente escolar. Estas personagens buscam formas de compensação das agressões sofridas por meio de outras vítimas mais frágeis e vulneráveis (SILVA, 2010; BORGES, 2015).

Os fatores de risco para ser vítima de *bullying* podem ser semelhantes em várias culturas. Geralmente as vítimas provem de ambientes familiares severos e punitivos, apresentam comportamento ansioso, são deprimidas, desconfiadas, choram com facilidade, são quietas, submissas, por vezes são encenqueiras e provocadoras, e possuem poucos amigos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Por outro lado, Kokkinos e Panayiotou (2007) afirmam que as atitudes dos pais não influenciam no comportamento dos seus filhos, ao passo que o envolvimento com o *bullying* justifica algumas práticas adotadas por eles.

Outros fatores de risco relacionados a vítimas de *bullying* estão relacionados a aspectos psicossociais como, por exemplo, crenças normativas sobre atos antissociais, incapacidade de lidar com a raiva, externalização diante dos conflitos, ansiedade sociais,

depressão, temperamento difícil, baixa autoestima, problemas relacionais entre pares e monitoramento parental, ausência de apego (MARINI, 2006).

Santos (2011) acredita que existem algumas causas para o *bullying* como, por exemplo, características individuais, familiares, influência de grupos e peculiaridades do ambiente onde o indivíduo se relaciona. Contudo, o julgamento a respeito de alguém com quem interagimos ocorre de maneira rápida e complexa, resultando em uma visão total do outro manifestando-se deduções indutivas e conclusivas logo nos primeiros instantes da interação. As causas destas primeiras impressões raramente poderão ser elucidadas. Assim, as pessoas relatam “sentirem” estas características e dificilmente são capazes de articular sobre elas (KNAPP; HALL, 1999; DAVIS, 1979).

No caso de jovens infratores, os fatores de risco para tornar-se vítima de *bullying* são as relações pobres entre pares na escola, histórico de mau aproveitamento escolar, estudar em escola especial, estar em condição de espera de custódia após situação de vida instável, tentativas de autolesão e suicídio (KIRIAKIDIS, 2009).

Rech et al. (2013) também avaliaram a prevalência de *bullying* em adolescentes associados aos seguintes fatores: escolaridade da mãe, nível socioeconômico, hábitos sedentários, estado nutricional, insatisfação com a imagem corporal, sexo e idade. Assim, constatou-se que a prevalência de *bullying* possui maior incidência entre as vítimas em comparação aos agressores, além da insatisfação com a imagem corporal apresentar mais do que o triplo de chances de ser tornar-se vítima e quase o dobro de chances de torna-se agressor em relação aos satisfeitos. Os hábitos sedentários e pertencer ao sexo masculino também se apresentaram como fortes indícios para ser o agressor.

Assim, o resultado de deste julgamento poderá acarretar nas práticas de *bullying* originando vítimas que experimentam sentimentos de vulnerabilidade, vergonha

e medo, além de apresentarem um comportamento social passivo ou submisso aumentando as chances de novos ataques dos agressores (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007). Outros aspectos como os psicossomáticos também são observados neste grupo, como a recorrência de dores de cabeça e dores abdominais, insônia e enurese noturna (ROLIM, 2008).

Silva (2010) também menciona os sintomas psicossomáticos como consequência psíquica das práticas de *bullying*, que a vítima pode apresentar cefaleia, cansaço crônico, insônia, náusea, dificuldade de concentração, boca seca, palpitação, alergia, tremores, tonturas, tensão muscular, formigamentos, sudorese, dentre outros sintomas. A autora também menciona como consequência do *bullying* o transtorno do pânico, a fobia escolar, a fobia social (Transtorno de Ansiedade Social – TAS), Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), depressão, anorexia, bulimia, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT), suicídio e homicídio.

Além das consequências mencionadas anteriormente, o *bullying* vem causando grandes prejuízos às suas vítimas tais como: queda do rendimento e evasão escolar, comprometimento do processo ensino-aprendizagem, sentimentos de medo e culpa, pensamentos e práticas de vingança, dificuldades de relacionamento, baixa autoestima, sofrimento psíquico, transtornos mentais, psicopatologias, doenças de fundo psicossomático e, por vezes, pode influenciar a maneira de resposta às demandas sociais ao longo dos ciclos de vida ou, até mesmo, levar o indivíduo ao suicídio (BENDER; LÖSEL, 2011; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011; OLIVEIRA; VOTRE, 2006; MILIAN, 2007). Na percepção dos professores, este fenômeno é considerado um obstáculo tanto na promoção de um ambiente saudável quanto na efetivação de uma cultura de não violência (FUNG, 2012).

Uma investigação realizada com 577 estudantes de 15 a 19 anos em Taiwan, apontou que o risco de ideação suicida estava presente em 18% dos participantes e, os principais fatores de risco foram ser do sexo feminino, enfrentar situações de estresse, depressão, ideação suicida dos pares e vitimização das práticas de *bullying*. Enquanto que os fatores de proteção mencionados foram a autoestima e a capacidade de adaptação (WANG et al., 2011).

### 1.1.3 Espectadores

Para Silva (2010) e Borges (2015) os espectadores são aqueles indivíduos que testemunham os atos de *bullying*, contudo não tomam iniciativa em relação ao que presenciaram e, também, são classificados em três tipos: passivos, ativos e neutros. Os espectadores passivos possuem estruturas psicológicas fracas e, por isso, sofrem consequências psíquicas tanto quanto às vítimas de *bullying*, uma vez que eles têm medo de tornarem-se a próxima vítima e sofrerem ameaças dos agressores. Os espectadores ativos são aqueles que não participam do ato de violência em si, mas reforçam as atitudes dos agressores com risadas e palavras de incentivo. Os espectadores neutros são aqueles indivíduos provenientes de ambientes socioculturais desestruturados, que a violência é algo habitual. Estes indivíduos não apresentam empatia, nem sensibilidade às situações de *bullying*.

A delimitação para se estabelecer vínculos de amizade ou inimizade no ambiente escolar são bastante delicados, uma vez que uma chacota que se inicia de forma amistosa, pode terminar em um conflito. Os autores ainda ressaltam que tudo irá depender do contexto, da intensidade e dos autores envolvidos na brincadeira, além dos fatores, cordialidade e rivalidade. O ato de zombar é ambivalente, pois ao passo que se deseja



brincar com indivíduo, também há a intencionalidade de provocar riso nos demais que observam o ato, e que não são empáticos agindo de maneira insensível e cruel. Uma brincadeira pode ser compreendida como agressão ou ofensa pela vítima, que poderá reagir de forma agressiva ocasionando um conflito. Logo, é possível perceber que existe limite para tais situações e relações que não devem ser ultrapassadas. No entanto, tais limites não são fáceis de compreender e variam de pessoa para pessoa (HENNING; ABBUD, 2010).

### **1.3 *Bullying* no contexto escolar**

A violência escolar, nas últimas décadas, tem tomado grandes proporções preocupando a sociedade e chamando a atenção de pesquisadores para questões relacionadas à incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade (SILVA, 2010; FANTE, 2012). Atualmente, um dos grandes desafios é lidar com uma nova forma de violência, que por vezes apresenta um caráter silencioso, porém ocorre repetidas vezes e é ameaçadora. Trata-se do fenômeno *bullying* (NESELLO et al., 2014).

Atualmente, as situações de *bullying* veem aumentando em diversos âmbitos da sociedade, principalmente no âmbito escolar. Infelizmente é comum encontrar professores humilhados, ameaçados, perseguidos e ridicularizados tanto por alunos, quanto por colegas de trabalho. Do mesmo modo que é possível deparar-se com o contrário, em situações cujos professores exercem o papel de agressores contra seus próprios alunos. Verificam-se também tais práticas de violência, resistência e exclusão, por parte de grupos de alunos, professores e funcionários da escola, diante de indivíduos que possuem uma orientação sexual homossexual (SILVA, 2010).

Em Florianópolis, uma pesquisa realizada com professores e alunos do ensino fundamental constatou que 94% dos alunos e professores entrevistados já haviam

presenciado situações de *bullying* na escola e acreditavam que os autores de *bullying* são de ambos os sexos e mais velhos que suas vítimas. Também se verificou que as práticas diretas são percebidas mais corriqueiramente pelos estudantes na rua, ao passo que para os professores o pátio e a sala de aula são os locais de frequência mais recorrentes do fenômeno (SANTOS; KIENEN, 2014).

Outra forma de violência percebida no ambiente escolar são os trotes universitários, um rito de passagem para celebrar o início da faculdade. O mesmo não é considerado *bullying* por se tratar de uma prática isolada, mas merece atenção por referir-se a práticas de ações inadequadas de constrangimento e atos violentos, que se repetidos podem ser caracterizados com *bullying*. Quando comparado aos prejuízos psicológicos do *bullying* ao longo de um ano letivo, com os prejuízos de um evento como o trote universitário, é possível perceber a sensação de medo, angústia e tensão da vítima de sofrer um novo ataque ou exposição a situações de constrangimento e humilhação são evidentes, e podem evoluir para quadros de desestruturação psicológica (SILVA, 2010).

Villaca e Palacios (2010) analisaram a associação entre o trote universitário de alunos de Medicina e a prática de *bullying*, evidenciando situações de abuso e violência entre os alunos da graduação durante este evento. Ao lado disso, Paredes et al. (2010), buscaram identificar e caracterizar o *bullying* durante o curso de Medicina de 22 faculdades na Colômbia, que verificou-se uma prevalência global de *bullying*, onde as fontes comuns são os professores e os alunos, evidenciando comportamentos de intimidação pela humilhação.

Além dos comportamentos de hostilidade citados anteriormente, também é possível mencionar a violência virtual através do *cyberbullying*. Sendo a manifestação de comportamentos agressivos como ofensas, pornografia, ódio, raça, exposição de conteúdo indesejado, homofobia dentre outras atitudes, o *cyberbullying* ocorre por meio

do uso das tecnologias de comunicação (computadores, tablets, celulares) em casa ou na própria escola, e pode acarretar consequências igualmente negativas às vítimas, ou seja, vulnerabilidade para problemas sociais e emocionais, propensão ao suicídio, evasão escolar e desempenho acadêmico prejudicado, além de sintomas como ansiedade e depressão (WENDT; LISBOA, 2013).

Um estudo realizado por Weber, Ziegele e Schnauber (2013) indicaram que na opinião dos agressores a culpa das práticas de *bullying* era das próprias vítimas que apresentavam comportamento social aberto, extroversão e tinham o hábito de revelar informações pessoais.

Segundo Lopes e Aramis (2005), as escolas têm se mostrado um ambiente violento tornando-se um alerta para a saúde pública. Duque (2007) ressalta que este local deveria ser propício para o processo de ensino-aprendizagem, além da aquisição de valores sociais, como o respeito mútuo, aceitação das diferenças e desenvolvimento de individualidades e subjetividade. Mas, o que se observa é um ambiente com muita agressividade, medo e sofrimento individual e social para os envolvidos, cujas circunstâncias na maioria das vezes se caracterizam como *bullying* (LOPES; ARAMIS, 2005).

Assim, a violência é entendida como um fenômeno de cunho histórico, que passa a ser analisada através de um contexto multifatorial, que considera o indivíduo um ser biopsicossocial. Tal processo de transformação se deu à medida que o ser humano, criado e desenvolvido em uma sociedade, tornou-se cada vez mais imerso em sistemas como as relações humanas e institucionais, a economia, a moral e a política (MYNAYO, 1994). Desta forma, assim como o homem, a violência também deve ser contemplada sob alguns vieses tais como: a simbólica, a física e a verbal (CAMACHO, 2000; FANTE, 2005).

No Brasil, as diversas formas de violência mencionadas anteriormente tem aumentado constantemente, causando prejuízos em vários níveis (integridade física, moral e psicológica), nos quais o desejo de destruição ou aniquilamento do outro estão sempre presentes (SILVA et al., 2012). Por tratar-se de um fato social, tal fenômeno está presente em diversos espaços, dentre eles o ambiente escolar, que se observam atitudes de intolerância, preconceito dentre outras expressões e comportamentos (LEME, 2009).

Alguns artigos apontam pesquisas sobre *bullying* relacionando-o a fatores específicos, a fim de se estabelecer associações, tais como prevalência em relação à distinção de sexo, região do país, unidade escolar pública e privada, ambiente familiar e nível socioeconômico. Por exemplo, na região sul e sudeste do país, o *bullying* configura-se como um tipo de violência física e psicológica associada à violência escolar, ressaltando maior prevalência em indivíduos do sexo masculino com situações de violência familiar (NESELLO et al., 2014). Outro exemplo é o estudo realizado em uma escola pública paulista com adolescentes, que buscou relacionar problemas de comportamento com vítimas de *bullying* juntamente com o relato dos professores. Esta pesquisa apontou que os adolescentes com maior probabilidade de serem alvos de *bullying* são aqueles com problemas de comportamento externalizantes (ALCKMIN-CARVALHO; IZBICKI; SILVA, 2014).

Em Recife (PE), o *bullying* também foi associado ao contexto escolar, evidenciando o envolvimento entre pares de adolescentes, compreendendo os significados produzidos a partir da intimidação escolar. Esta investigação destacou o desrespeito e as humilhações que eram mascaradas por tons de brincadeira, salientando a relevância das relações de amizade nos grupos de adolescentes, que comprometia o senso crítico individual a favor da manutenção socioafetiva (NASCIMENTO; MENEZES 2013). Ainda em Recife (PE), outro estudo buscou evidenciar o perfil de adolescentes que

se declaravam vítimas de violência verbal em escolas públicas e privadas. Com a análise observou-se que o fator repetência possui maior frequência em escolas públicas, o fator dificuldade em fazer amigos está relacionado a escolas particulares, e o tipo de prática do *bullying* investigado foi observado com maior frequência no sexo feminino em ambas as escolas (MORENO et al., 2012).

Outro estudo específico foi desenvolvido por Dalosto e Alencar (2013) com alunos com altas habilidades. Observou-se que os mesmos estavam envolvidos nos três papéis do fenômeno, vítima, agressor e testemunha, sendo a forma velada a mais corriqueira. Por outro lado, tais estudantes, quando em situação de vítima, relataram sofrer humilhações, fofocas, intrigas, atirar objetos e excluir das brincadeiras, ao passo que, os comportamentos mais apontados pelos agressores foram humilhar, desprezar, excluir de brincadeiras, apelidar e atirar objetos. Oliveira e Barbosa (2012) avaliaram a ocorrência de *bullying* em alunos com e sem características de dotação e talento, que não se notou diferenças significativas entre os subgrupos de alunos com e sem dotação e talento em relação às práticas de *bullying* às agressões e às variáveis sociométricas. No entanto, alunos com talento para a arte são mais vitimizados do que os colegas com talentos em outras áreas. Um aspecto interessante é que os alunos com dotação e talento buscam, com maior frequência, auxílio para combater o *bullying*.

Estudo longitudinal realizado nos Estados Unidos em 2009 apontou um aumento considerável do *bullying* escolar a partir da segunda metade dos anos 2000, com taxa de prevalência de 25,8% (FU; LAND; LAMB, 2013). Já no Brasil, em 2007, o aumento da prevalência do fenômeno e a preocupação com a saúde escolar originou o Programa Saúde na Escola (PSE), que segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC):

[...] visa à integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria da qualidade de vida dos educandos. O PSE tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de

ações de promoção da saúde, de prevenção de doenças e agravos à saúde e de atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino. <<http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola?id=16795>> Acesso em: 02 de Nov. de 2015.

O referido programa conta com equipes de saúde atuantes na atenção primária, que deve propor ações com foco na promoção da saúde pautada nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), almejando a construção de uma cultura de paz e o combate às variáveis formas de violência nos ambientes escolar e comunitário (FERREIRA; MOYSÉS; FRANÇA; MOYSÉS, 2014). Tais profissionais, também devem considerar as peculiaridades das instituições educacionais, realizando um trabalho interdisciplinar, que conte com a colaboração dos demais membros da comunidade escolar preservando o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem, a fim de formar alunos para a atuação na vida social. Neste âmbito, as ações devem estar vinculadas ao projeto político-pedagógico das escolas e planejar ações que considerem o diagnóstico local de saúde do educando e o seu contexto social e escolar. Assim, a equipe tem como objetivo tratar da saúde e educação dos alunos de forma integral, visando à formação para cidadania e a garantia dos direitos humanos, que deve acontecer com a progressiva ampliação de ações que, assegurando atenção integral aos educandos, deve promover saberes. Além disso, deve contar com a participação de pais, alunos, comunidade escolar e a sociedade para o desenvolvimento e controle social da política pública (BRASIL - MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

O MEC, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 (1ª a 4ª séries e 5ª a 8ª séries), prevê uma educação que ensine além das disciplinas previstas no currículo escolar, ou seja, visa a incorporação e debate de temas e questões importantes, urgentes e presentes na vida cotidiana, sobretudo no ambiente escolar, relacionados a questões sociais voltadas para a aprendizagem e reflexão dos alunos. Desta

forma, as mudanças sociais e os problemas que surgem merecem uma atenção especial, a fim de evidenciá-los e propor reflexões. A escolha dos temas deve ser direcionada a partir de conhecimentos diretamente vinculados à realidade dos alunos ou da unidade escolar, podendo assim, abranger temas estaduais, municipais ou institucionais (específico para cada escola) (BRASIL, 1997).

Neste sentido, o psicólogo escolar também exerce um papel fundamental na redução da violência escolar, onde é responsável por compreender, analisar e intervir em tais situações, a fim de propor estratégias de caráter preventivo e de enfrentamento (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2008). Quando este profissional encontra-se inserido na unidade escolar, é capaz de reconhecer as especificidades do seu ambiente de trabalho e propor intervenções grupais direcionadas às dificuldades enfrentadas, que possibilitem reflexões a respeito do tema violência, a conscientização dos agentes educacionais sobre seus papéis, o desenvolvimento de habilidades, a construção de espaços e relações mais saudáveis, e a formar e desenvolver competências e conceitos (FREIRE; AIRES, 2012).

Diante de tal problemática diversos autores têm investigado sobre este tema, como a pesquisa de Mooij (2011), com 80.770 estudantes na Holanda que buscou conhecer a prevalência e os motivos para o *bullying*. Como resultado da pesquisa, o autor apontou que a prevalência do fenômeno era de 32,5%, e os principais fatores que contribuíam para este dado eram: a orientação sexual, as questões de sexo, o nível de desempenho escolar, a deficiência física ou mental, a aparência física, aspectos religiosos, comportamentos individuais e a forma inapropriada como determinados alunos lidavam com situações de punição.

Uma pesquisa realizada pela ABRAPIA (2002, *apud* BANDEIRA; HUTZ, 2012) no Rio de Janeiro com 5428 participantes, com idade média de 13,47 anos, apontou

que 16,9% dos entrevistados identificaram-se como vítimas, 12,7% como agressores, 10,9% como vítimas / agressores e 57,5% disseram ser testemunhas da prática de *bullying*.

Outra pesquisa realizada pela ABRAPIA entre novembro de 2002 a março de 2003 com nove escolas públicas e duas particulares, com alunos de 5ª a 8ª série do estado do Rio de Janeiro indicaram que 40,5% dos alunos possuíam envolvimento como vítima ou agressor das práticas de *bullying*. Dos envolvidos na prática 50,5% eram meninos e 49,5% eram meninas. Também, 50% dos alvos admitiram não contar para pais e professores e, quanto ao local, a sala de aula foi o ambiente em que as agressões ocorrem com maior frequência (60,2%), ao passo que durante o recreio (16,1%) e nos portões da escola (15,9%) a incidência é menor (SILVA, 2010).

Cillessen e Mayeux (2004) também realizaram uma investigação longitudinal com 905 crianças de 5ª à 9ª série, e perceberam um notório aumento da agressividade relacional e física, que são aprovadas à medida que as crianças passam para a adolescência, significando *status* no grupo. Para Papalia e Feldman (2013) após os 7 anos de idade, a criança torna-se menos agressiva e egocêntrica, adquirindo a habilidade de comunicar-se e colocar-se no lugar das outras pessoas. Por outro lado, aumenta a probabilidade dela apresentar formas de agressão mais hostis de caráter mais verbal do que física.

Em 2008, uma pesquisa realizada com 15 crianças com sobrepeso ou obesidade, de 3ª a 5ª série de uma escola do interior do estado de São Paulo, também ressaltou a importância para o tema *bullying*, ao indicar que 20% das crianças se sentiam constrangidas por serem vítimas, 13% se sentiam tristes, 13% irritadas, 7% deprimidas, 7% indiferentes e 40% negaram serem vítimas do *bullying* (MELLO, 2008).

Outro estudo transversal realizado em escolas públicas municipais do Programa Saúde na Escola de Olinda (PE), em 2013, buscou conhecer sobre a autoestima



de 237 estudantes do 9º ano do ensino fundamental. A conclusão obtida foi que 67,5% dos alunos estavam envolvidos nos diversos papéis do *bullying*, e que o mesmo influencia diretamente na autoestima dos estudantes. A pesquisa também destacou que o sexo masculino apresentou autoestima superior em relação ao sexo feminino. Já o ato de presenciar ou sofrer *bullying* teve uma incidência de 59,9% e 48,9% respectivamente (BRITO; OLIVEIRA, 2013). Bandeira e Hutz (2010), igualmente pesquisaram as diferenças na autoestima de adolescentes envolvidos com o *bullying*, que o sexo masculino também apresentou média superior de autoestima em relação às meninas, além de se observar que o grupo de testemunhas do sexo masculino, apresentou maior autoestima em relação ao grupo de vítimas. Sobre as meninas, as agressoras apresentaram média mais alta que o grupo de vítimas/agressoras.

Alguns autores sugerem que a prática deste fenômeno advém de características individuais dos alunos relacionadas à vulnerabilidade de um educando em relação aos outros ou do *status* social, responsável por diferenciar e segregar os mesmos (SAWYER; MISHNA; PEPLER, 2011).

Assim, no decorrer das relações interpessoais é comum a disputa por liderança e poder. Para Silva (2010) há situações em que a liderança é estabelecida de forma positiva, trazendo benefício a todos os envolvidos, mas, quando estabelecida de forma negativa, o detentor do poder tem a intenção de maltratar as outras pessoas em benefício de si próprio, ou até mesmo para divertir-se. Este é o caso de tiranos que podem ser encontrados em qualquer contexto social, ou seja, chefia, líderes políticos, na religião e até mesmo dentro do próprio lar.

Os atos de comportamentos mencionados acima, geralmente, são praticados pelos *bullies* (agressores), que havendo variação de contextos poderá receber uma denominação específica. É caso do *mobbing*, que no Brasil é conhecido como assédio

moral e nos países europeus refere-se ao abuso de poder entre adultos no ambiente laboral. Assim, este termo possui a mesma dinâmica do *bullying*, no entanto é atribuído à grupos de “má índole” no ambiente de trabalho que exercem pressão ou ameaça psicológica sob um determinado indivíduo, enquanto que o *bullying* limita-se ao ambiente escolar. Dentre as práticas de pressão psicológica mais habituais de assédio moral é possível mencionar: críticas e humilhações públicas, agressões verbais, olhares e risadas provocativas, comentários depreciativos quanto à sexualidade, raça, credo, modo de ser, andar e falar do funcionário, e ameaças de demissão e desvio de função para cargos inferiores (SILVA, 2010).

Para Habigzang et al. (2012), o assédio moral é entendido como esta nova forma de violência que deve apresentar frequência e como consequência atinge o indivíduo em seu âmbito físico, psíquico e moral. O mesmo pode se manifestar de forma vertical descendente, quando parte de um superior hierárquico, ou vertical ascendente quando um grupo de trabalhadores pratica violência contra um superior, ou ainda pode se manifestar na forma horizontal, quando a violência é praticada por uma ou mais pessoas do mesmo nível hierárquico equiparando-se ao *bullying*.

Também se percebe o aumento de pessoas com desestruturação psicológica acarretada pela vitimização das práticas de *bullying*, bem como o alto índice de assassinatos e suicídios relacionados ao contexto escolar (SILVA, 2010; FANTE, 2012).

Rocha (2003) destaca que os estudos constantemente buscam respostas para entender a prática de comportamentos hostis nos grupos, no entanto, sua verdadeira causa ainda é uma incógnita. Desta forma, autores ressaltam a importância e a necessidade de se ampliar os conhecimentos a respeito deste fenômeno, além da necessidade de profissionais capacitados para intervir e prevenir tais atos de violência (LOPES; ARAMIS, 2005; WENDT; LISBOA, 2013; DALOSTO; ALENCAR, 2013).

Após um levantamento de literatura sobre o tema pode-se perceber que recentemente, as produções científicas sobre *bullying* fornecem resultados mais quantitativos do que qualitativos. Um exemplo disso são os elaborados por Antunes e Zuin (2008) e Alckmin-Carvalho et al. (2014) que discutem sobre a associação deste fenômeno com a violência no ambiente escolar, além do seu conceito, descrição e classificação. Os autores ainda ressaltam a fragilidade metodológica na produção de rastreamento de *bullying*, ressaltando a importância de se produzir conhecimentos sobre o assunto, a fim de se propor intervenções, métodos de identificação e medidas de avaliação deste fenômeno.

Assim, produções brasileiras sobre *bullying*, em sua maioria, retratam uma associação deste fenômeno com a violência, o ambiente escolar, além de conceituar, descrever e classificar o fenômeno (ANTUNES; ZUIN, 2008). Alguns artigos ressaltam a fragilidade metodológica na produção de rastreamento de *bullying*, evidenciando a importância de se produzir conhecimentos sobre o assunto, a fim de se propor intervenções, métodos de identificação e medidas de avaliação deste fenômeno (ALCKMIN-CARVALHO et al., 2014).

Lopes e Aramis (2005) também concordam com a necessidade de métodos para diagnosticar situações de *bullying*, ressaltando ser indispensável atuar preventivamente, orientando as famílias, prevenindo o consumo de álcool e drogas, além de se diagnosticar e tratar os danos causados em crianças e adolescente que sofreram consequências negativas imediatas e tardias diante da violência juvenil. Da mesma forma, Schultz et al. (2012) investigaram a instabilidade e a intersubjetividade para a compreensão deste fenômeno, ressaltando que seu entendimento e intervenção não podem se resumir apenas à características individuais dos sujeitos envolvidos, considerando a diversidade das pessoas e dos sistemas envolvidos.

## 2 JUSTIFICATIVA

Ante a necessidade de se evoluir o entendimento sobre as práticas de bullying faz-se necessário a seguinte pergunta: Por que alguns indivíduos são mais vulneráveis ou propícias a serem vítimas de bullying? Eles apresentam alguma “marca” que suscita o agressor a ter comportamentos hostis em relação a eles? Quais são as características que universitários acham que influenciam nas práticas de bullying?

Estudar o *bullying* diante da distinção entre homens e mulheres e suas respectivas faixas etárias, poderá fornecer informações relevantes sobre este fenômeno no curso do desenvolvimento humano.

Responder a estas perguntas significará ter uma ferramenta a mais no campo científico para conhecer o fenômeno *bullying*, uma vez que pesquisas que evidenciam distinção entre homens e mulheres são escassas neste assunto. Este estudo também contribuirá no âmbito social, com a possibilidade de propostas práticas de intervenção e prevenção para grupos específicos de vítimas de *bullying*.

Desta forma, este estudo se justifica pela importância em investigar quais características físicas, sociais, comportamentais, étnicas, sexuais e emocionais, com distinção de sexo, influencia na prática de *bullying* na percepção de universitários, contribuindo no âmbito social e científico.

## 3 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa foi investigar qualitativa e quantitativamente quais as características das vítimas de *bullying*, com distinção entre homens e mulheres em diferentes fases do ciclo vital, que desencadeiam tais práticas na opinião de universitários.

## 4 MÉTODO

### 4.1 Participantes

Participaram desta etapa da pesquisa 76 universitários (amostra por conveniência), 38 do sexo feminino e 38 do sexo masculino, com faixa etária de 17-29 anos. Participaram alunos do primeiro e segundo ano de faculdade, dos cursos de: Psicologia, Engenharia Elétrica, Biologia e Jornalismo, não havendo um critério para a escolha dos mesmos. Tais cursos foram escolhidos devido à proximidade com docentes destas turmas e, também, por um dos pesquisadores também ser docente em um dos cursos, o que facilitou o contato com os participantes. Para a aplicação foi feito contato com antecedência com os docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” da cidade de Bauru-SP das turmas mencionadas anteriormente, no qual se solicitou alguns minutos da aula para a aplicação.

### 4.2 Instrumentos

O trabalho de campo deste estudo consistiu na aplicação de um questionário aberto (ANEXO 2) elaborado pelos autores, que buscou obter características femininas e masculinas, que os participantes julgavam desencadear as práticas de *bullying* na escola no Ensino Fundamental II (9º ano) / Ensino Médio (1ª a 3ª série) e Ensino Superior.

O instrumento não se baseou em um modelo prévio, pois os pesquisadores buscaram elaborar perguntas que respondessem os objetivos deste estudo. Foram coletadas informações acerca do sexo, idade e curso dos participantes.

Na primeira pergunta os entrevistados deviam responder quais dos papéis na prática de *bullying* exercia com mais frequência: agressor, vítima ou observador. Esta pergunta foi excluída da análise posteriormente, uma vez que o foco da pesquisa restringiu-se a investigar apenas quais as características das vítimas. Na segunda pergunta, o entrevistado deveria nomear quais características femininas e masculinas eram mais suscetíveis para o indivíduo ser vítimas de *bullying* do 9º ano ao 3º ano do Ensino Médio (passado). Na terceira pergunta, o estudante deveria responder quais características levavam ao *bullying* no Ensino Universitário (presente). A última pergunta, que também não foi analisada posteriormente pelo fato dos pesquisadores não entenderem que era foco da pesquisa, questionava a opinião dos participantes sobre se o *bullying* é mais frequente entre homens ou mulheres.

- 1) As pessoas no ambiente universitário, por vezes, sofrem *bullying*. A que características você acredita que levam a esta situação?
- 2) Em relação ao *bullying* no período escolar do 9º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Quais características do sexo feminino e masculino eram mais suscetíveis a esta prática?

### 4.3 Procedimento

O projeto da pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências (UNESP Bauru) o qual foi apreciado e considerado adequado conforme as condições estabelecidas pela resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, 2012) pelo parecer número 1.138.133 (CAAE: 46212715.0.0000.5398).

Inicialmente foram agendadas visitas com os professores responsáveis por cursos diversos, os quais se prontificaram a ceder parte de suas aulas para a coleta de dados. Os universitários participantes foram convidados a participar da pesquisa, apresentando-se em linhas gerais os objetivos da investigação.

Aos participantes que se dispuseram a colaborar distribuiu-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi devidamente assinado e recolhido pelos pesquisadores. A seguir foi distribuído o instrumento de coleta de dados. Ao entregar os questionários, orientou-se que os universitários preenchessem os dados sociodemográficos e, em seguida, respondessem as perguntas baseadas em suas vivências em que a prática de *bullying* estava presente.

A aplicação foi breve, com tempo livre para realização da tarefa, ocupando cerca de dez minutos do tempo dos alunos ocorrendo coletivamente na própria sala de aula. No decorrer da aplicação ocorreram três recusas de participação.

#### **4.4 Análise de Dados**

Os dados obtidos foram analisados buscando acordo a respeito das categorias observadas em seu conteúdo, investigando quais características físicas, sociais, comportamentais, étnicas, sexuais e emocionais, com distinção de gênero, são eliciadoras para a prática de *bullying* na opinião de universitários.

Os dados coletados foram analisados e transformados em informações quantitativas e qualitativas, permitindo a exploração mais detalhada dos itens propostos (MACEDO; CARRASCO, 2005).

Os dados coletados foram categorizados através da técnica de agrupamento em categorias (COZBY, 2003), que supõe a soma de procedimentos de análise das interlocuções propondo-se por meio de métodos sistemáticos e objetivos, a descrição das mensagens que indiquem o conhecimento sobre a situação de produção e recepção destas mensagens. Esta técnica consistiu na leitura versátil dos dados a fim de encontrar “palavras-chave” do sentido da comunicação de um texto, frase ou palavra levando em consideração a frequência.

Esta análise resultou na elaboração das tabelas apresentadas a seguir, a partir das quais os dados foram tabulados e submetidos à análise estatística descritiva (média e desvio padrão), para a comparação das características relatadas entre grupos considerando o sexo, a fase de escolaridade em que ocorre (ensino fundamental, médio e graduação) utilizando teste não paramétrico de Wilcoxon para dados pareados, com a finalidade de comparar os grupos masculino e feminino.

## 5 RESULTADOS

Buscou-se unir os atributos que estivessem relacionados como, por exemplo, a categoria “ideologia”, que estava atrelada às seguintes respostas: questões políticas, religião e opinião. Outro exemplo é a categoria “gorda”, que estava relacionada a estar acima do peso, sobrepeso, peso acima da média, tipo físico gordo e obesidade. Ainda é possível mencionar a categoria “comportamento sexual livre”, referente a beijar várias pessoas, quantidade de parceiros amorosos, “ser dada”, beijar muitos garotos (as), liberdade sexual, vida sexual ativa.

As respostas que tiveram frequência muito baixa foram retiradas da análise por representarem situações muito específicas de bullying. Esta categorização resultou em um *ranking* (Tabelas 1 e 2) das características das vítimas de *bullying* citadas com maior frequência, a quais foram agrupadas em quatro categorias mais abrangentes: psicológico, social, físico e sexual.

Com a categorização das características mencionadas pelos universitários foi criada uma tabela organizada por respondente, período e atributos por ordem decrescente de citação. Cada tabela continha o julgamento dos respondentes referentes a ambos os sexos, feminino e masculino.



Assim, obtiveram-se quatro tabelas: a) Respondente Masculino (passado); b) Respondente Feminino (passado), c) Respondente Masculino (presente); d) Respondente Feminino (presente).

A seguir, as Tabelas 1, Tabela 2, Tabela 3 e Tabela 4 expressam a variabilidade de categorias construídas a partir dos atributos mencionados com maior frequência pelos universitários.

**Tabela 1 – Representação qualitativa das características de *bullying* apresentadas por participantes masculinos (n=38) no âmbito do ensino fundamental e médio (passado).**

<b>RESPONDENTE MASCULINO – PASSADO</b>			
<b>Psicológica</b>	<b>Social</b>	<b>Física</b>	<b>Sexual</b>
Ser tímido	Raça	Ser gordo	Ser Homossexual
Comp. fora do padrão	Classe social baixa	Ausência de beleza	Comp. Sexual livre
Ser lerdo	Vestimenta Diferente	Ser magro	Não ter relacionamento sexual
Ser nerd	Ser ruim no esporte	Tipo de cabelo/ cabelo comprido	Não ser popular com garotas
Ser introvertido	Religião	Ser alto	
Falta de cuidados pessoais	Dificuldade para socialização	Caract. Física	
Fragilidade emocional	Poucas relações interpessoais	Aparência	
Ser dedo duro	Ser puxa saco do professor	Ter uma deficiência	
Fazer fofoca	Não pertencer a grupos	Idade	
Personalidade difícil	Não usar maquiagem	Tipo de voz	
Ser muito passivo	Ter filhos	Ter sotaque	
Não aceitar brincadeiras	Ser machista	Ter dentes grandes	
Reclamar demais	Cometer um erro	Usar aparelho dentário	
Ser inseguro	Não beber	Ter nariz grande	
Ser preguiçoso	Não usar drogas		
	Desempenho escolar diferenciado		

**Tabela 2 – Representação qualitativa das características de *bullying* apresentadas por participantes femininos (n=38) no âmbito do ensino fundamental e médio (passado).**

<b>RESPONDENTE FEMININO – PASSADO</b>			
<b>Psicológica</b>	<b>Social</b>	<b>Física</b>	<b>Sexual</b>
Ser nerd	Raça	Ser gordo	Ser homossexual
Ser fora do padrão	Usar vestimenta diferenciada	Ser magro	Ter comp. sexual livre
Ser Tímido	Baixo desempenho nos esportes	Aparência física	Não relacionamento sexual
Desempenho escolar diferenciado	Classe social baixa	Tipo de cabelo	Não ser popular com garotas
Ser lento	Dificuldade para socialização	Altura	Não ter namorado
Ser introvertido	Baixa popularidade	Ter espinhas	Ser virgem
Gosto musical diferente	Cidade de origem	Usar óculos	
Gostar de animes	Ser machismo	Ausência de beleza	
Ser inseguro	Mãe como alvo do bullying	Ter deficiência	
Gostar de jogos	Não usar de drogas	Ter orelha de abano	
Ser imaturidade	Religião	Ter nariz grande	
Ser impositiva	Não beber muito em festa	Ter pelos ou bigode	
Ter fragilidade emocional		Ter forte odor	
Ser extrovertido		Tipo de voz	
Gostos diferenciados		Dentes grandes ou tortos	
Querer chamar atenção		Não usar maquiagem	
Ser falso		Ser alto	
Ser metido ou arrogante		Ter lábios grossos	
Ser dedo duro		Ter monocelha	
		Ter buço evidente	
		Ser baixo	
		Pouca força muscular	

### Respondentes Masculinos e Femininos no Passado:

A partir da categorização dos atributos mencionados pelos universitários, buscou-se organizar os mesmos em quatro grandes categorias: psicológico, social, físico e sexual, conforme nas Tabelas 1 e 2 apresentadas anteriormente.

Quanto às características mencionadas, observa-se que na opinião dos respondentes masculinos e femininos há uma maior incidência de características relacionadas a questões psicológicas, sociais e principalmente físicas. Nota-se que nas Tabelas 1 e 2, tanto os homens quanto as mulheres, apresentaram alta quantidade e variabilidade de características.

Desta forma, as categorias mais citadas entre os respondentes masculinos respectivamente foram: social (16 atributos), psicológico (15 atributos), físico (14 atributos) e sexual (4 atributos). Em relação aos respondentes femininos respectivamente foram: físico (22 atributos), psicológico (19 atributos), social (12 atributos) e sexual (6 atributos).

A seguir, as Tabelas 3 e Tabela 4 expressam a variabilidade de categorias construídas a partir dos atributos mencionados com maior frequência pelos universitários no presente.

**Tabela 3 – Representação qualitativa das características de *bullying* apresentadas por participantes masculinos (n=38) no âmbito do ensino universitário (presente).**

RESPONDENTE MASCULINO – PRESENTE			
Psicológica	Social	Física	Sexual
Estar fora do padrão	Tipo de Ideologia	Aparência física	Ser homossexual
Ser tímido	Pertencer a determinada etnia	Ser Gordo	Ter comp. sexual livre
Personalidade difícil	Classe social baixa	Ausência de Beleza	Não ter relacionamento sexual
Ser exibicionista	Raça	Dificuldade na verbalização	Ser virgem
Ser <i>Nerd</i>	Usar vestimenta diferenciada	Ser deficiente	Ter poucos amigos masc.
Ser folgado	Não beber	Ausência de cuidados pessoais	Ter colegas homossexuais
Ser chato	Religião	Ter a testa grande	
Ser arrogante	Ser feminista	Ter o nariz grande	
Ser inseguro	Não ir à festas		
Ser antissocial	Ser calouro		
	Não usar drogas		
	Tipos de lutas sociais		
	Ser machista		
	Curso de graduação que frequenta		
	Engajamento projetos da faculdade		
	Estilo de vida		
	Dificuldade para socializar		
	Não beber muito		
	Desempenho acadêmico diferenciado		

**Tabela 4 – Representação qualitativa das características de *bullying* apresentadas por participantes femininos (n=38) no âmbito do ensino universitário (presente).**

<b>RESPONDENTE FEMININO – PRESENTE</b>			
<b>Psicológica</b>	<b>Social</b>	<b>Física</b>	<b>Sexual</b>
Ser introspectivo	Tipo de ideologia	Aparência física	Ter comportamento sexual livre
Ser considerado certo demais	Raça	Cabelo	Não ter relacionamento sexual
Ter baixo QI	Classe social baixa	Expressão verbal comprometida	Homossexualidade
Ser impositivo	Pertencer determinada etnia	Marombeiro	Virgem
Gosto	Não ir a festas	Ser deficiente	Gênero
Ser delicado	Pertencer a determinada religião	Ter caract. fem./masc.	Não sair com ninguém
Falha ou dificuldades na verbalização	Não beber	Ser gordo	Não namorar
Ter comportamento fora do padrão	Ser antissocial	Tipo de vestimenta	Órgão genital pequeno
Ser <i>Nerd</i>	Ser feminista		Não ter sucesso com as mulheres
Ser frágil	Curso graduação que frequenta		
Ser passivo	Não usar droga		
Falar demais	Determinada postura na rede social		
Ser extrovertido	Ser calouro		
Falta maturidade	Dificuldade para socialização		
Falar besteira	Nível de cultura		
Ser prepotente	Não ir muito a festas		
	Não beber muito		
	Origem		
	Ser machista		
	Não participar grupos		
	Ter pouco interesse nos esporte		

#### Respondentes Masculinos e Femininos no Presente:

Observa-se que na opinião dos respondentes masculinos e femininos há uma maior incidência de características relacionadas a questões psicológicas e principalmente sociais.

Nota-se também, que apesar da categorização, a Tabela 4, representada pelas respostas das mulheres apresenta mais quantidade e variabilidade de características em comparação a Tabela 3 dos participantes masculinos.

Desta forma, as categorias mais citados entre os respondentes masculinos respectivamente foram: social (19 atributos), psicológico (10 atributos), físico (8 atributos) e sexual (6 atributos). Em relação aos respondentes femininos respectivamente foram: social (21 atributos), psicológico (16 atributos), sexual (9 atributos) e físico (8 atributos).

#### Respondentes Masculinos e Femininos no Presente e no Passado:

A organização em tabelas favoreceu para a observação da distinção entre as características mencionadas no passado e no presente. Desta forma, verifica-se uma mudança na relevância das características, na qual no passado elas são de caráter físico, psicológico e social, e no presente passam a ser mais social e psicológico e físico, respectivamente.

É possível apontar uma queda na quantidade de características mencionada pelos homens comparando as respostas do passado com o presente, à medida que os respondentes femininos também apresentaram uma redução na incidência de respostas, porém ainda assim responderam mais que o sexo masculino.

Ao analisar as quatro primeiras características mencionadas por ambos os respondentes tanto no passado quanto no presente, constata-se que as seguintes características são mencionadas mais de três a quatro vezes: comportamento fora do padrão, timidez, *nerd*, raça, classe social, beleza, aparência física, gordo, homossexualidade, comportamento sexual livre e relacionamento sexual.

Desta forma, assim como a elaboração da representação qualitativa das características das vítimas de *bullying*, também foram desenvolvidas as Tabelas 5 e 6 para uma dimensão quantitativa.

#### Elaboração das Tabelas 5 e 6

Tais tabelas foram elaboradas a partir da associação entre a técnica de variabilidade de categorias (COZBY, 2003) e a quantificação das características mencionadas pelos universitários, ou seja, qual o número de ocorrências que cada atributo foi manifestado. Assim, foi elaborado novo *ranking* que retrata a frequência numérica de cada característica das vítimas de *bullying* no passado e no presente mencionadas pelos participantes.

Considerando-se o mesmo número de participantes masculinos e femininos as tabelas foram organizadas e representadas pelo número de respostas de cada característica mencionada pelos universitários (organização por frequência das características mencionadas), e não pela sua representação em porcentagem. Para isso, foram desenvolvidas duas tabelas, uma para as respostas referentes ao passado (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e outra para o presente (Ensino Superior). Ressalta-se que a categoria nomeada como Outras Respostas, que foi criada para agrupar atributos que

foram mencionados com menor frequência. Esta menor frequência foi representada pelo valor inferior a 1,0 ao realizar a média entre a média feminina e a média masculina.

Tanto a Tabela 5, quanto a Tabela 6 foram construídas utilizando os mesmos critérios, porém a primeira representa as características das vítimas de *bullying* no passado e a segunda evidencia as no presente (Tabela 6). Desta forma, a primeira coluna corresponde aos atributos, já categorizados, apontados pelos estudantes, a segunda e terceira coluna representam os respondentes da pesquisa do sexo feminino e masculino. A partir dos respondentes, a coluna foi subdividida a fim de indicar a quantidade de respostas que cada respondente atribuiu para cada sexo. Desta forma, obteve-se, consecutivamente, na primeira e segunda subdivisão, a opinião das mulheres sobre tais características, bem como na terceira e quarta subdivisão a opinião dos homens. Ao final de cada uma dessas colunas é possível observar a média total das respostas dadas por sexo.

Ao lado da coluna dos respondentes foi realizada uma média dissociada das respostas dadas pelas mulheres e pelos homens em relação às características do sexo feminino, seguida da média das características do sexo masculino. E por fim, a última coluna corresponde à média total entre características femininas e masculinas.



**Tabela 5 - Características de vítimas masculinas e femininas de bullying (ALVO) no relato de participantes femininos (n=38) e masculinos (n=38) do 9º ano do Ensino Fundamental II a 3ª Série do Ensino Médio (Passado)**

<b>PASSADO</b>							
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>		<b>MÉDIA</b>		<b>MT</b>
<b>ALVO (características)</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>F / M</b>
Ser gordo	32,0	24,0	26,0	26,0	<b>29,0</b>	<b>25,0</b>	<b>27,0</b>
Ser homossexual	10,0	24,0	12,0	26,0	<b>11,0</b>	<b>25,0</b>	<b>18,0</b>
Raça	15,0	13,0	8,0	14,0	<b>11,5</b>	<b>13,5</b>	<b>12,5</b>
Ser nerd	12,0	17,0	2,0	3,0	<b>7,0</b>	<b>10,0</b>	<b>8,5</b>
Comp. sexual livre	19,0	0,0	12,0	0,0	<b>15,5</b>	<b>0,0</b>	<b>7,8</b>
Ser magro	11,0	8,0	5,0	6,0	<b>8,0</b>	<b>7,0</b>	<b>7,5</b>
Ser tímido	6,0	8,0	4,0	12,0	<b>5,0</b>	<b>10,0</b>	<b>7,5</b>
Tipo de vestimenta	19,0	1,0	4,0	3,0	<b>11,5</b>	<b>2,0</b>	<b>6,8</b>
Tipo de cabelo	15,0	1,0	7,0	1,0	<b>11,0</b>	<b>1,0</b>	<b>6,0</b>
Ausência de beleza	4,0	0,0	14,0	6,0	<b>9,0</b>	<b>3,0</b>	<b>6,0</b>
Aparência física	10,0	9,0	0,0	3,0	<b>5,0</b>	<b>6,0</b>	<b>5,5</b>
Ter comp. fora do padrão	9,0	5,0	4,0	4,0	<b>6,5</b>	<b>4,5</b>	<b>5,5</b>
Classe social baixa	4,0	2,0	6,0	7,0	<b>5,0</b>	<b>4,5</b>	<b>4,8</b>
Altura	7,0	3,0	4,0	4,0	<b>5,5</b>	<b>3,5</b>	<b>4,5</b>
Poucos Relac. Sexuais	13,0	0,0	0,0	4,0	<b>6,5</b>	<b>2,0</b>	<b>4,3</b>
Ser Lento/Lerdo	4,0	5,0	4,0	4,0	<b>4,0</b>	<b>4,5</b>	<b>4,3</b>
Baixo desempenho esportes	1,0	9,0	0,0	4,0	<b>0,5</b>	<b>6,5</b>	<b>3,5</b>
Desempenho escolar diferenciado	4,0	6,0	1,0	1,0	<b>2,5</b>	<b>3,5</b>	<b>3,0</b>
Ser introvertido	4,0	4,0	2,0	1,0	<b>3,0</b>	<b>2,5</b>	<b>2,8</b>
Ter espinhas	4,0	5,0	0,0	0,0	<b>2,0</b>	<b>2,5</b>	<b>2,3</b>
Ser deficiente	2,0	2,0	1,0	1,0	<b>1,5</b>	<b>1,5</b>	<b>1,5</b>
Baixa popularidade com garotas/garotos	0,0	3,0	2,0	1,0	<b>1,0</b>	<b>2,0</b>	<b>1,5</b>
Dificuldade na socialização	1,0	2,0	0,0	3,0	<b>0,5</b>	<b>2,5</b>	<b>1,5</b>
Usar óculos	3,0	2,0	0,0	0,0	<b>1,5</b>	<b>1,0</b>	<b>1,3</b>
Tipo de Religião	1,0	0,0	2,0	2,0	<b>1,5</b>	<b>1,0</b>	<b>1,3</b>
Característica Física	0,0	0,0	3,0	2,0	<b>1,5</b>	<b>1,0</b>	<b>1,3</b>
Ter nariz grande	2,0	1,0	1,0	0,0	<b>1,5</b>	<b>0,5</b>	<b>1,0</b>
Outras respostas	27,0	20,0	18,0	12,0	<b>22,5</b>	<b>16,0</b>	<b>19,3</b>
<b>Média</b>	<b>8,5</b>	<b>6,2</b>	<b>5,1</b>	<b>5,4</b>	<b>6,8</b>	<b>5,8</b>	<b>6,3</b>

**Tabela 6 – Características de vítimas masculinas e femininas de bullying (ALVO) no relato de participantes femininos (n=38) e masculinos (n=38) no âmbito do ensino universitário (presente).**

<b>PRESENTE</b>							
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>FEMININO</b>		<b>MASCULINO</b>		<b>MÉDIA</b>		<b>MT</b>
<b>ALVO (características)</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>Fem</b>	<b>Masc</b>	<b>F / M</b>
<b>Tipo de Ideologia</b>	18,0	17,0	16,0	18,0	<b>17,0</b>	<b>17,5</b>	<b>17,3</b>
<b>Ser homossexual</b>	12,0	15,0	12,0	17,0	<b>12,0</b>	<b>16,0</b>	<b>14,0</b>
<b>Ter comport. sexual livre</b>	15,0	13,0	8,0	0,0	<b>11,5</b>	<b>6,5</b>	<b>9,0</b>
<b>Raça</b>	12,0	10,0	5,0	5,0	<b>8,5</b>	<b>7,5</b>	<b>8,0</b>
<b>Classe social baixa</b>	10,0	7,0	7,0	7,0	<b>8,5</b>	<b>7,0</b>	<b>7,8</b>
<b>Tipo de etnia</b>	7,0	6,0	7,0	9,0	<b>7,0</b>	<b>7,5</b>	<b>7,3</b>
<b>Aparência física</b>	4,0	3,0	5,0	6,0	<b>4,5</b>	<b>4,5</b>	<b>4,5</b>
<b>Religião</b>	6,0	6,0	3,0	2,0	<b>4,5</b>	<b>4,0</b>	<b>4,3</b>
<b>Ser gordo</b>	6,0	4,0	5,0	2,0	<b>5,5</b>	<b>3,0</b>	<b>4,3</b>
<b>Tipo de vestimenta</b>	5,0	4,0	6,0	2,0	<b>5,5</b>	<b>3,0</b>	<b>4,3</b>
<b>Não festa</b>	6,0	7,0	1,0	2,0	<b>3,5</b>	<b>4,5</b>	<b>4,0</b>
<b>Não beber</b>	5,0	6,0	1,0	4,0	<b>3,0</b>	<b>5,0</b>	<b>4,0</b>
<b>Introspectivo</b>	7,0	8,0	0,0	0,0	<b>3,5</b>	<b>4,0</b>	<b>3,8</b>
<b>Antissocial</b>	4,0	2,0	2,0	1,0	<b>3,0</b>	<b>1,5</b>	<b>2,3</b>
<b>Comport. fora do padrão</b>	2,0	0,0	4,0	3,0	<b>3,0</b>	<b>1,5</b>	<b>2,3</b>
<b>Ser virgem</b>	2,0	3,0	0,0	2,0	<b>1,0</b>	<b>2,5</b>	<b>1,8</b>
<b>Ser feminista</b>	4,0	0,0	3,0	0,0	<b>3,5</b>	<b>0,0</b>	<b>1,8</b>
<b>Ser nerd</b>	1,0	1,0	2,0	2,0	<b>1,5</b>	<b>1,5</b>	<b>1,5</b>
<b>Curso graduação que frequenta</b>	1,0	2,0	1,0	1,0	<b>1,0</b>	<b>1,5</b>	<b>1,3</b>
<b>Não usar droga</b>	1,0	1,0	1,0	2,0	<b>1,0</b>	<b>1,5</b>	<b>1,3</b>
<b>Ser calouro</b>	1,0	1,0	1,0	2,0	<b>1,0</b>	<b>1,5</b>	<b>1,3</b>
<b>Ser tímido</b>	0,0	0,0	2,0	3,0	<b>1,0</b>	<b>1,5</b>	<b>1,3</b>
<b>Gênero</b>	3,0	1,0	0,0	0,0	<b>1,5</b>	<b>0,5</b>	<b>1,0</b>
<b>Ser considerado certo demais</b>	3,0	1,0	0,0	0,0	<b>1,5</b>	<b>0,5</b>	<b>1,0</b>
<b>Tipo de cabelo</b>	3,0	1,0	0,0	0,0	<b>1,5</b>	<b>0,5</b>	<b>1,0</b>
<b>Baixo QI</b>	1,0	3,0	0,0	0,0	<b>0,5</b>	<b>1,5</b>	<b>1,0</b>
<b>Ser deficiente</b>	1,0	1,0	1,0	1,0	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>
<b>Ausência de beleza</b>	0,0	0,0	3,0	1,0	<b>1,5</b>	<b>0,5</b>	<b>1,0</b>
<b>Personalidade</b>	0,0	0,0	1,0	3,0	<b>0,5</b>	<b>1,5</b>	<b>1,0</b>
<b>Exibicionista</b>	0,0	0,0	2,0	2,0	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>	<b>1,0</b>
<b>Outras respostas</b>	22,0	19,0	10,0	14,0	<b>16,0</b>	<b>16,5</b>	<b>16,3</b>
<b>Média</b>	<b>5,2</b>	<b>4,6</b>	<b>3,5</b>	<b>3,6</b>	<b>4,4</b>	<b>4,1</b>	<b>4,2</b>

Alguns dados obtidos nesta primeira etapa do estudo mostram-se relevantes como, por exemplo, na Tabela 5, os atributos “ser gordo” e apresentar “traços de homossexualidade” foram os mais indicados pelos universitários. Outro aspecto bastante indicado foi a “raça”, porém os universitários no sexo masculino não consideraram uma questão tão expressiva ao realizarem um julgamento deste atributo aos meninos no passado. Em contraponto, a característica “ser nerd” também não demonstrou ser tão significativo em ambos os sexos na opinião dos participantes do sexo masculino.

Quanto aos atributos “comportamento sexual livre” e “cabelo”, os mesmos foram ponderados pelos participantes de ambos os sexos como sendo uma questão de maior relevância apenas para o sexo feminino no passado. Por outro lado, a característica “desempenho nos esportes” é um fator que incide apenas sobre os meninos na opinião de ambos os sexos dos universitários pesquisados.

A “timidez” foi evidenciada como sendo um incômodo nos meninos na opinião dos universitários do sexo masculino pesquisados e, igualmente, a “vestimenta” foi manifesta como sendo um revés na opinião das universitárias entrevistadas. Ter “espinhas” foi uma característica considerada relevante para ambos os sexos na opinião das mulheres pesquisadas, enquanto que a “altura” demonstrou ser algo desagradável somente para as meninas.

“Classe social” foi um item mais citado pelos participantes do sexo masculino para ambos os sexos no passado, no entanto, também se mostrou relevante na opinião das participantes do sexo feminino, porém apresentou-se como uma questão apenas para as meninas. Observou-se discrepância na opinião dos participantes sobre o atributo “relacionamento sexual”, que os participantes do sexo masculino evidenciaram sendo um ponto que influi apenas para os meninos, e na opinião das participantes do sexo feminino este foi um item que sobressaiu apenas as meninas.

Ainda na Tabela 5 observa-se dissonância sobre dois aspectos correlacionados que são a “beleza” e a “aparência física”. Na opinião dos participantes do sexo masculino, a “beleza” é um atributo que incide mais sobre as meninas, no entanto a “aparência física” é maior evidenciada pelas mulheres em ambos os sexos.

E, por fim, a característica “deficiência” não foi umas das mais mencionadas, tanto na Tabela 5 quanto na Tabela 6. No entanto, cabe ressaltar que a mesma foi proporcionalmente pouco indicada em ambos os sexos pelos respondentes em geral.

Na Tabela 6 verificou-se que “ideologia”, “homossexualidade” e “comportamento sexual livre” foram os atributos mais mencionados. A homossexualidade pareceu ser uma questão que influencia mais no sexo masculino na opinião de ambos os respondentes, enquanto que ter um “comportamento sexual livre” e a “religião” parece influir muito mais sobre o sexo feminino do que o masculino na opinião dos participantes em geral.

Outros aspectos são “classe social”, “impositiva”, “introspectiva”, “expressão verbal” e “não sair com ninguém”, que se destacaram muito mais no julgamento das universitárias em relação ao próprio sexo feminino. Ao passo que, “beleza”, “personalidade”, “exibicionismo” e “timidez” foram quesitos ponderados para ambos os sexos apenas pelos respondentes do sexo masculino.

Diferentemente, os atributos “gênero”, “ser considerada certa demais”, “baixo QI” e “cabelo” foram citados apenas pelos respondentes do sexo feminino, salientando a característica “cabelo” igualmente mencionada apenas pelas mulheres na Tabela 3.

A “aparência física” parece ser uma questão de maior relevância no julgamento dos universitários em relação ao próprio sexo masculino. Por outro lado, “ser gordo” e “vestimenta”, assim como na Tabela 5, revelou ser uma questão de maior peso

para o sexo feminino, no entanto na Tabela 6 foi igualmente julgado como relevante para os homens e mulheres pesquisados.

“Não beber” foi preponderante para o sexo masculino, e “não ir à festas” foi influente apenas para o sexo feminino na opinião dos entrevistados em geral. E finalmente, ser “virgem” não obteve nenhum julgamento por parte dos respondentes masculinos em relação ao sexo feminino.

### Análise Geral

As respostas dadas pelos universitários, organizadas nas tabelas apresentadas anteriormente, possibilitou a identificação das várias formas de agressão à imagem pública na adolescência e no adulto jovem.

Com isso, observou-se na confecção e análise das Tabelas 5 e 6, que as mulheres apresentaram maior vocabulário de respostas para apontar características das vítimas de *bullying*, em relação aos homens.

Ao realizar uma análise da Tabela 5 e 6 é possível constatar a questão apontada anteriormente, que a maior média de respostas foi dada pelas mulheres em relação ao próprio sexo feminino, com média igual a 8,5 (Tabela 5) e 5,2 (Tabela 6), enquanto que a menor média de respostas foi de 5,1 (Tabela 5) e 3,5 (Tabela 6) representada pelos atributos dados ao sexo feminino pelos participantes do sexo masculino. Nota-se que cada respondente é capaz de mencionar maior número de características quando as mesmas estão relacionadas ao próprio sexo.

**Tabela 7 – Média Aritmética e Desvio Padrão obtidos a partir das respostas apresentadas por participantes masculinos e femininos acerca das possíveis vítimas (alvo) masculinas e femininas.**

<b>Juíz / Alvo</b>	<b>Média Aritmética</b>	<b>Desvio Padrão</b>
<b><i>PASSADO</i></b>		
<b>Feminino (feminino)</b>	8,51	8,17
<b>Feminino (masculino)</b>	6,21	7,16
<b>Masculino (feminino)</b>	5,10	6,22
<b>Masculino (masculino)</b>	5,36	6,89
<b><i>PRESENTE</i></b>		
<b>Feminino (feminino)</b>	5,23	5,54
<b>Feminino (masculino)</b>	4,58	5,28
<b>Masculino (feminino)</b>	3,52	3,90
<b>Masculino (masculino)</b>	3,58	4,78

A partir da média aritmética é possível observar que os respondentes do sexo feminino, no passado e no presente, ao mencionarem características do seu próprio sexo obtiveram a maior média (Passado: 8,5; Presente: 5,2), indicando uma maior facilidade das mulheres para falar de atributos correspondentes à elas mesmas. Também se verificou que as mesmas possuem maior fluência verbal em relação aos respondentes do sexo masculino para relatarem do sexo oposto (Presente: 5,2 Passado: 6,2;).

Outro ponto a destacar-se foram as médias dos atributos femininos mencionados pelos respondentes do sexo masculino no passado e no presente, o qual se obteve uma média de 5,4 no passado e 3,6 no presente, sugerindo que os mesmos tiveram maior capacidade de nomear propriedades do sexo oposto. Em suma, em ambos os períodos, passado e presente, os respondentes do sexo feminino teceram média aritmética maior em relação aos respondentes do masculino.

Análise Estatística:

Para a análise estatística utilizou-se do método de dados pareados do Teste Não Paramétrico de Wilcoxon, com índice de confiabilidade de 95% ( $p < 0,05$ ). Na Tabela 8, a seguir, observam-se os valores de  $p$  (bilateral).

**Tabela 8 – Comparações (Tabelas 5 e 6) realizadas pelo Teste de Wilcoxon (dados pareados) entre os participantes (juiz) masculinos e femininos acerca da possibilidade de bullying para vítimas (alvo) do sexo masculino ou feminino no ensino fundamental/médio (passado) e universitário (presente).**

Juíz / Alvo		Z	<i>p</i> (bilateral)
<b><i>PRESENTE</i></b>			
Feminino (feminino) X Masculino (feminino)		<b>2,7282</b>	<b>*0,0064</b>
Feminino (masculino) X Masculino (masculino)		0,9871	0,3236
Feminino (feminino) X Feminino (masculino)		1,6423	0,1005
Masculino (feminino) X Masculino (masculino)		0,7199	0,4716
<b><i>PASSADO</i></b>			
Feminino (feminino) X Masculino (feminino)		<b>2,9963</b>	<b>*0,0027</b>
Feminino (masculino) X Masculino (masculino)		0,8223	0,4109
Feminino (feminino) X Feminino (masculino)		1,7341	0,0829
Masculino (feminino) X Masculino (masculino)		0,0901	0,9282

\*significativo com probabilidade  $< 0,05$

O teste realizado com os dados obtidos nesta etapa da pesquisa objetivou comparar a variação de julgamento entre os universitários do sexo feminino e masculino no ensino fundamental/médio (passado) e universitário (presente).

Ao realizar a análise estatística observou-se uma diferença significativa entre os respondentes do sexo feminino e masculino em relação ao julgamento sobre o sexo feminino no passado e no presente. Para o passado obteve-se um  $p = 0,0027$  demonstrando uma média de características atribuídas a pessoas do sexo feminino por mulheres (5,23)

do que por homens (3,52). Enquanto que no presente obteve-se um  $p= 0,0064$  com uma média uma média feminina de (8,51) e uma média masculina de (5,10).

Considerando-se os resultados para o presente (ensino universitário) obteve-se um resultado significativo na comparação entre características suscetíveis de bullying atingindo as mulheres, com o julgamento de mulheres (média 8,51) maior que a dos homens (média 5,10) apresentando um valor de  $p= 0,0064$ , indicando respostas mais frequentes no julgamento para este sexo.

Além destes aspectos, ainda é possível mencionar o julgamento do respondente do sexo feminino diante do julgamento de características do sexo feminino (média 8,51) e masculino (média 6,21) no passado, proporcionando um valor de  $p= 0,0829$  (significativo ao nível de 90% de confiabilidade), não significativo de acordo com nossos critérios.

## **6 DISCUSSÃO**

Na busca por parceiros (amorosos ou amizade) as pessoas procuram indivíduos que apresentem a maior quantidade possível de características favoráveis na perspectiva biológica e social. Dessa forma, descobrir quais indivíduos são considerados mais populares, habilidosos e de maior status é uma dimensão importante do ponto de vista da socialização. De forma simétrica, identificar pessoas pouco habilidosas e menos populares, se configura como um aspecto importante para evitar relacionamentos menos desejáveis.

Para uma análise que forneça explicações mais verdadeiras sobre o processo de seleção de parceiros do ser humano, a Psicologia Evolucionista pondera a forma como a maioria das pessoas corresponde aos desafios colocados pelo ambiente social e físico para iniciar um processo de interação. Também considerar as diferenças relacionadas à



personalidade, aos fatores biológicos, culturais, sociais e a sua experiência de vida, baseando-se em diferentes campos do conhecimento (HATTORI; CASTRO, 2017).

Um exemplo disto é forma como as pessoas constituem laços afetivos, explicada pelo princípio do apego. Este princípio está relacionado ao fato do indivíduo estabelecer relações seguras e inseguras, classificadas em dois aspectos: ansiedade e evitação. Os sujeitos inseguros tendem a apresentar alto índice de ansiedade e evitação, assim, a ansiedade faz com que o indivíduo preze a proximidade com seus pares pelo medo de ser abandonado, enquanto que a evitação faz com que sintam-se incomodados com a dependência outras pessoas. Já os sujeitos seguros são mais disponíveis e comprometidos em relação às necessidades de seus pares, focando assim, em emoções positivas que contribuem no processo de ajustamento com seus pares. Desta forma, indivíduos seguros buscam se aproximar de sujeitos como eles, que tenham confiança, gentileza e segurança, ao passo que indivíduos inseguros supostamente apresentam dificuldades na busca de pares (BOWLBY, 1984; HATTORI; CASTRO, 2017).

Este raciocínio contribui para o entendimento da segregação entre vítimas e agressores nas práticas de *bullying*. Como mencionado no início deste estudo, as vítimas de *bullying* são propensos a ter um perfil mais passivo e inseguro, o que resultaria na complexidade de seleção de parceiros e conseqüentemente na dificuldade de integração grupal (SILVA, 2010).

Outro impasse além do processo de ajustamento de pares é a busca pelo apoio mútuo citado pela Psicologia Evolucionista, que não ocorre nas práticas de *bullying*. Ou seja, segundo a PE, o ser humano possui avançados mecanismos psicológicos que possibilita preservar a organização social, onde os grupos sociais deveriam formar coalizões a fim de assegurar sua sobrevivência e reprodução da espécie (HASTIE, 2001 *apud* HATTORI; YAMAMOTO, 2012). Contudo observou-se que quando o sujeito tem

suas concepções distorcidas, e acaba sendo influenciado pela necessidade que este tem de convergir com o grupo, a ideologia de cooperação da PE acaba não sendo uma regra (BASTOS, 2008). Isto porque, os seres humanos são motivados pela sua filogênese e ontogênese, no qual sua predisposição biológica é concebida pela experiência (VARELLA et al., 2017).

Deste modo, a PE poderia contribuir com estudos que compreendessem os motivos velados dos impasses do apoio mútuo, descobrindo padrões para o comportamento, conduzindo a recursos que contribuíssem com o controle social (HATTORI; YAMAMOTO, 2012).

Ainda sobre o comportamento humano e a seleção de parceiros, cabe ressaltar que os indivíduos do mesmo sexo tendem a disputar por parceiros do sexo oposto, assim como fazem a escolha daqueles do sexo oposto para o acasalamento (TRIVERS, 1972; HATTORI; CASTRO, 2017).

É o caso do pavão, onde sua cauda quanto mais longa, pesada, limpa e vistosa significa virilidade, pois sobreviveu ao gasto de energia, a capacidade de suportar o peso da sua cauda e possíveis predadores, ou seja, machos com caudas mais vistosas terão maior sucesso. Contudo, observa-se que algumas particularidades podem tanto trazer benefícios ao indivíduo, quanto custar a sua sobrevivência, garantindo assim a lei da seleção natural, onde ocorre o aumento da população dos mais aptos à sobrevivência (HAMILTON, 1964, 1964; WILLIAMS, 1966; HATTORI; CASTRO, 2017).

Em contrapartida, as práticas de *bullying*, como já mencionado no início desta pesquisa, são práticas agressivas, em que ocorre o desequilíbrio de poder sem nenhum motivo evidente (FANTE, 2012). Uma explicação para este fenômeno seria a competição através de uma nova estratégia comportamental, que busca estabelecer um indivíduo dominante nas relações interpessoais, assim como no processo de seleção de parceiros.

Supõem-se que no *bullying*, assim como a cauda do pavão, haveria uma aptidão saliente nos indivíduos agressores que é ausente nas vítimas.

Outra ideologia da PE que é capaz de justificar em parte as práticas de *bullying* é o brincar. Segundo Bruner (1972), a brincadeira seria fundamental no processo de aprendizagem dos comportamentos para as situações de risco, pois é nela que o indivíduo poderá praticar exercícios físicos e testar com segurança seus limites. Por isso, é comum observar que os predadores, quando pequenos, costumam ensaiar através de brincadeiras formas de ataque e dominância de seus rivais (HATTORI; CASTRO, 2017).

Do mesmo modo, nas práticas de *bullying* sabe-se que, na maioria das vezes, tudo se inicia com uma brincadeira ou chacota geralmente contra um par de menor idade ou porte físico (HENNING; ABBUD, 2010; FANTE, 2012). Assim, é possível supor que este fenômeno ocorre como uma forma de praticar habilidades como a luta, hierarquia social, aprendizagem, esquiva, sinais sociais de interação e coesão, bem como flexibilidade comportamental, a fim de suportar situações e contextos adversos na vida adulta.

Também observou-se nitidamente questões da distinção de sexo que permeiam o ambiente social. Isto porque, questões filogenéticas estão envolvidas, no qual a relação de dominância determinará a seleção natural da espécie, afim de que o comportamento (investimento parental) de machos e fêmeas garanta o desenvolvimento dos filhotes (MANFROI; MACARINI; VIEIRA, 2011; HATTORI; CASTRO, 2017).

Contudo, alguns pontos, por meio do processo histórico, bem como do caráter relacional, passaram a ser naturalizados socioculturalmente como aspectos femininos e aspectos masculinos. Identificar e apontar diferenças e semelhanças entre homens e mulheres é tão relevante quanto buscar compreender tais processos resultados das relações de desigualdade, uma vez que é comum perceber que ao se depararem com

expectativas sociais e culturais diferentes às suas, homens e mulheres acabam aceitando e se adaptando, ou até mesmo negando sua subjetividade a favor da massa (SCOTT, 1990; BERNARDES, 1993).

Como citado por Vianna e Ridenti (1998) e Heilborn (1992) na introdução, tais aspectos eram percebidos desde culturas ancestrais, como forma de organização social, que os papéis sociais eram definidos de acordo com diferenças fisiológicas e anatômicas. Assim, o homem, mais forte fisicamente, era responsável por assegurar a segurança do grupo, lutas e busca de alimentos. Por outro lado, as mulheres eram responsáveis por oferecer cuidados aos membros do grupo, dar assistência aos progêntos, e eram responsáveis pelo plantio e colheita do alimento. Tais funções delegadas às mulheres envolviam questões místicas relacionadas à perpetuação da espécie humana, bem como a germinação do solo (ALMEIDA, 2010). Tais fatores relativos ao sexo são capazes de explicar o julgamento negativo dos participantes entrevistados em relação à característica ser magro para os homens e ter um comportamento sexual livre para as mulheres.

O fato é que o comportamento sexual livre, ou até mesmo a homossexualidade ainda são vistos como atos desfavoráveis, pois como mencionado por Davis (1979) anteriormente, os valores e comportamentos humano não são inatos, e para se retratar um homem e uma mulher leva-se em conta suas características sexuais, comportamentais e os jogos das relações sociais, de acordo com o ambiente social no qual está envolvido. O enfoque sobre distinções de sexo promovem uma análise superficial a respeito dos papéis assumidos socialmente por homens e mulheres, possibilitando compreensões mais aprofundadas sobre a forma de organização das sociedades e culturas (MEYER, 2008).

Sobre homossexualidade, não existe uma explicação concisa para tal fato, mas até o momento acredita-se em causas genéticas e fatores ambientais, constituindo-se via de regra como minoria. A questão é que estes adolescentes experimentam sentimentos de medo e ansiedade no processo de construção da identidade social e da orientação sexual. Eles sentem-se sozinhos, cercados de comportamentos e olhares hostis, tem receio da desaprovação social, e apresentam confusão na definição de sua identidade. Tudo isso por não sentirem-se encorajados a contarem à suas famílias e por não se compartilharem de experiências com grupos de pares com a mesma orientação sexual (FELDMAN; PAPALIA, 2013)

Quanto aos resultados encontrados neste estudo sobre as questões anatômicas, o ser humano, na adolescência passa por diversas modificações no seu desenvolvimento, e uma delas é no seu aspecto físico. Com a puberdade os jovens passam por alterações hormonais e conseqüentemente transformações físicas. Logo surgem os primeiros sinais externos e visíveis de tal revolução como, por exemplo, os seios nas meninas, os ombros largos nos meninos, a voz, a textura da pele, o desenvolvimento muscular, os pelos púbicos, faciais, axilares e corporais. Também é possível mencionar o desenvolvimento da musculatura, ossatura e altura, que a princípio as meninas passam os meninos nesta fase apresentando diferenças na forma e no feitio (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Outro ponto a ser ressaltado nesta faixa etária, é o fato das meninas terem a pelve mais larga e apresentar um acúmulo na camada de gordura, enquanto que os meninos são marcados por exibirem ombros largos, pernas e antebraços longos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Desta forma, adolescentes podem ser vítimas de *bullying* devido ao excesso de peso na adolescência devido à tendência do acúmulo da camada de gordura e conseqüentemente o aumento do peso, principalmente nas mulheres, enquanto que os

homens sentem-se mais satisfeitos com o ganho muscular. A questão é que o etnocentrismo colabora para estes indivíduos construírem sua imagem corporal baseados em uma sociedade perfeccionista aumentando os fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares (ROCHA, 2003; FROST, 2005; ALVES et al.; 2009).

Esta questão convida à reflexão do quão a imagem corporal poderá se tornar um fator que predispõe à exposição das práticas de *bullying*, uma vez que, a aparência física está relacionada não só às preocupações com a forma física, mas também às agressões ocasionadas pela formação de estereótipos e julgamentos concebidos pelos padrões de beleza e estética idealizados socialmente.

Ainda nesta faixa etária, outras transições estão ocorrendo, como o senso de moralidade, que também passa por um processo de aprimoramento. Segundo Piaget (1992, *apud* LA TAILLE, 1992), a criança passa por três etapas na evolução da moral: a anomia, heteronomia, e a autonomia. Esta última compreende o início da adolescência quando o indivíduo se enxerga como responsável por suas atitudes, e tem a capacidade de julgar os seus atos. Observa-se que ocorre a evolução do raciocínio lógico concreto, onde a criança é capaz de prever situações de outro ângulo e da perspectiva de seus colegas, além de pensar reciprocamente e escolher cooperar ou não com seus pares.

Portanto, há de se considerar os aspectos físicos e cognitivos envolvidos na adolescência, uma vez que a associação de ambos juntamente com a influência social pode acarretar na dificuldade de interação entre os membros de um grupo como já foi mencionado por Bastos (2008) e Amaral (1998) no início deste estudo. A dificuldade para a aceitação de tantas mudanças em si mesmo e no outro acaba tornando-se um fator relevante para as situações de estereótipo e preconceito simplesmente pela necessidade de apontar o desvio da normalidade (diferenças, semelhanças e homogeneidade).

Allport (1954) corrobora com os autores anteriormente citados ao dizer que preconceito trata-se do julgamento prévio (moral – autonomia) e inadequado de alguém ou alguma coisa sem conhecimento o suficiente, porém baseado em crenças de que ela possui atributos negativos diante de um grupo. Tal atitude é constituída por aspectos cognitivos (generalização categorial) e disposicionais (atitudes hostis que ocasionam comportamentos discriminatórios) (JONES, 1972). Portanto, o preconceito não é inato, sendo adquirido ao longo do desenvolvimento humano como resultado da relação entre os conflitos psíquicos e o estereotipo presentes na vida do indivíduo (ALLPORT, 1946)

As situações de discriminação ocorrem através da influência das informações do ambiente, ou seja, convívio social, cultura, como citado anteriormente por Davis (1979). Assim, os indivíduos possuem a tendência de imitarem modelos, fazendo o que os outros fazem ou pensando da mesma forma, alimentando tendências antissociais, uma vez que estes indivíduos estão mais suscetíveis à pressão para instituir-se no grupo, justificando, assim as práticas de *bullying* mais direcionadas a aspectos físicos e psicológicos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Assim, quando analisadas as respostas da pergunta referente ao presente, salientaram-se mais aspectos sociais e psicológicos. Fato que pode ser justificado pela fase adulto-jovem, que o indivíduo desenvolve a capacidade do pensamento reflexivo e do pensamento pós-formal, aumentando sua habilidade lidar com algumas situações contraditórias, ambíguas e imperfeitas, além de serem mais tolerantes, duvidarem mais de informações inconsistentes, ou seja, ocorre o desenvolvimento da capacidade de respostas a situações e interações caóticas, ou que requeiram maneiras inusitadas de enxergar e contestar os fatos até mesmo simples e polarizados do mundo (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Com isso, assim como citado por Dalbosco et al. (2008) na introdução desta investigação, o ser humano pode manipular informações e comportamentos, a fim de convergir com o grupo devido à sua necessidade de pertencimento grupal. Neste sentido, o mesmo pode abandonar suas concepções individuais (BASTOS, 2008). Assim, os universitários entrevistados, são capazes de realizar julgamentos de acordo com seus ideais e obter ganhos secundários de acordo com sua conduta, justificando assim, a alta incidência de características sociais como, ideologia, política, etnia, religião e classe social. Este fato serve como argumento para comportamentos mencionados várias vezes pelos universitários no presente como, por exemplo, “não beber” e “não ir à festas”, ou seja, indivíduos que não seguem tais práticas estão se afastando do consenso grupal, portanto serão excluídos ou discriminados.

Outro aspecto relacionado à distinção de sexos é o fato das mulheres apresentarem maior vocabulário de características do que os homens. Este fator deve-se a fatores cerebrais, que o cérebro feminino utiliza-se dos lobos frontais direito e esquerdo de forma mais interligada, enquanto que o masculino usa principalmente o esquerdo. Isto contribui para que as mulheres apresentem maior capacidade de expressão verbal, maior vocabulário, maior capacidade de analisar cores e estética, maior facilidade no processamento de linguagem, maior sensibilidade e empatia, maior atenção e conseqüentemente é capaz de realizar mais de uma tarefa simultaneamente. Em contrapartida, as habilidades mais observadas nos homens são: linguagem mais objetiva, facilidade para o raciocínio espacial tornando-os bons em cálculos e no senso de direção, além de serem mais audaciosos (NATIVIDADE, 2014).

Ainda sobre a empatia, o estudo de Sampaio, Camino e Roazzi (2009) apontou que as próprias mulheres se julgam mais empáticas do que os homens. No entanto, não houve diferença significativa entre os sexos quando relacionados a funções



cognitivas relacionadas à empatia. Ainda é possível considerar expectativas e representações sociais que os indivíduos possuem em relação ao que é esperado para o sexo feminino e masculino em uma sociedade.

Contudo, para a PE, as mulheres apresentam uma maior propensão para atitudes empáticas como resultado do processo de seleção natural, no qual na vida ancestral os papéis exercidos por homens e mulheres os levaram ao processo de adaptação evolutiva fortalecidos pela coesão do par e do grupo. Isso não significa que os homens não tenham empatia, e as mulheres não sejam capazes de se envolver com situações de sistematização, ou seja, as particularidades presente em homens e mulheres são resultado da interação dos genes com o ambiente, no qual os comportamentos são passíveis de ajustamento a longo prazo dentro do próprio processo de seleção natural (HATTORI; CASTRO, 2017).

Quanto ao maior vigor das mulheres em responderem o questionário, estudos científicos indicam que realmente elas possuem maior capacidade em observar sinais não verbais nas interações humanas (KNAPP; HALL,1999). Tais questões relacionadas a fatores biológicos e de sexo atendem a expectativa proposta nos objetivos deste estudo, que buscavam comparar as características desencadeadoras do *bullying* com distinção entre homens e mulheres.

As características “ser gordo”, “beleza”, “espinhas” e “aparência física” foram mencionadas várias vezes pelos universitários no passado e no presente. Este fato pode ser explicado pelo atual contexto da obsessão de estética e saúde afetando, assim, as relações sociais em reverência ao corpo idealizado (WOLF, 1992).

Para Francisco e Coimbra (2015), a mídia é considerada uma ferramenta que pode auxiliar no combate às práticas de comportamentos hostis no ambiente escolar. Contudo, há de se analisar também, todos os recursos disponíveis e possíveis para o

combate ao *bullying*, como no caso da mídia, pois a mesma evidencia a beleza dos corpos magros, ao passo que ajuda a comercializar produtos que engordam e que não são saudáveis. Mas não só de aspectos negativos deve-se analisá-la, afinal a mídia, quando aliada, vai além de problematizar e esclarecer temas transversais como o *bullying*. Ela é capaz de influenciar na construção de valores, imagens e comportamentos, de definir padrões de beleza, de corpos, do que é desejável ou não.

Ainda sobre a aparência, é possível mencionar as questões de raça e etnia, que também são afetadas pelo julgamento estético dos indivíduos de acordo com conceitos culturais sobre o que se julga bonito. Desta forma, alguns elementos gerais são considerados universais, mesmo com a ampla variedade de características das inúmeras populações, e as questões de atratividade de tais elementos estão relacionados a fatores de juventude, *status*, saúde e sexo (MORRIS, 1977).

Quanto às características “introversão”, “introspectivo” e “timidez” podem ser esclarecidas segundo a não aprendizagem e modelagem dos comportamentos socialmente aceitos, ou seja, indivíduos que não adquiriram habilidades e repertórios de comportamentos verbais e não verbais suficientes segundo sua cultura, por isso terão maior dificuldade para relacionarem-se. Isso poderá contribuir com as situações de discriminação e exclusão social, além da diminuição da autoestima e conseqüentemente a depressão (ARGYLE, 1976).

## **7 CONCLUSÃO**

O estudo apontou que as marcas ou sinais que desencadeiam as práticas de *bullying* são reais e que as questões de distinção de sexo ligadas às características das vítimas de *bullying*, estão relacionadas a fatores biológicos que se acentuam quando analisados sob uma perspectiva cultural.

A pesquisa apontou que *bullying* foi uma questão na adolescência dos participantes e continua sendo no contexto universitário que deve ser considerada e cuidada. Notou-se a existência de características específicas que vulnerabilizam e estigmatizam o indivíduo respondendo à pergunta desta pesquisa. Tais particularidades podem ser analisadas sob quatro perspectivas, sendo elas: social, física, psicológica e sexual.

Aplicar o questionário em universitários contribuiu para se obter uma maior quantidade e variabilidade de características, sendo que as mulheres tiveram melhor desempenho que os homens ao responderem as perguntas.

Desta forma, o estudo evidencia a necessidade de desenvolver projetos e trabalhos com alunos nas faixas etárias analisadas (adolescentes e adulto jovem), a fim de trabalhar questões de respeito e aceitação das diferenças implementando uma política de paz no ambiente escolar e universitário. A investigação de comportamentos que envolvem aspectos morais é normalmente complexa no âmbito científico, pois os participantes podem omitir a realização de determinadas atividades, como a prática de *bullying* ou responder o que ele acha “adequado” do ponto de vista do pesquisador. Dessa forma tentou-se minimizar os efeitos de reatividade dos respondentes tornando as respostas impessoais (como se eles fossem espectadores). Tais cuidados não impedem que determinadas lembranças sejam priorizadas ou esquecidas, porém tais efeitos são inerentes ao método aplicado.

No que diz respeito às possibilidades de generalização do estudo, embora os alunos universitários participantes fossem provenientes de diversos cursos e cidades do estado de São Paulo, cabe ressaltar que estamos tratando de uma amostra razoavelmente homogênea, cabendo outras investigações com indivíduos provenientes de outros níveis de escolaridade e realidade socioeconômica.

## REFERÊNCIAS

- ALCKMIN-CARVALHO, F. et al. Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais. *Avaliação Psicológica*, Itatiba, v.13, n.3, p. 343-350, Dez. 2014.
- ALCKMIN-CARVALHO, F.; IZBICKI, S.; MELO, M. H. S. Problemas de comportamento segundo vítimas de bullying e seus professores. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.834-853, Dez. 2014.
- ALLPORT, G.W. Some roots of prejudice. *Journal of Psychology*. v.22, p. 9-39, 1946.
- ALLPORT, G. W. *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- ALVES, D. et al. Cultura e imagem corporal. *Revista Motricidade*, América do Norte, v.5, n.1, mar. 2009.
- AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J. G. (Org.) *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, p.11- 27, 1998.
- ANDRADE, S. S. C. A. et al. Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n.9, p. 1725-1736, Set. 2012.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 33-42, Abr. 2008.
- ÁZQUEZ LINARES, J. J. et. al. Teachers' perception of school violence in a sample from three European countries. *European Journal of Psychology of Education*, v. 24 (1), p. 49-59, 2009.
- BANDEIRA, C. M; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional (Impr.)*, Campinas, v.14, n.1, p. 131-138, Jun. 2010.
- BANDEIRA, C. M; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v.16, n.1, p. 35-44, Jun. 2012.
- BARKOW, J. H.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. *The adapted mind: Evolutionary psychology and the generation of culture*. New York: Oxford University Press, 1992.
- BASTOS, R. L. *Obra de arte e vida: psicologias sociais, diferentes subjetividades na estética da existência*. 2.ed. Rio de Janeiro: E-papers, p.42; 32, 2008.
- BEAUDOIN, M. N. Qual a abordagem mais adequada para lidar com o bullying na escola? *Revista Pátio*. Ano XI, maio/julho, 2007.

BENDER, D.; LÖSEL, F. Bullying at school as a predictor of delinquency, violence and other anti-social behaviour in adulthood. *Criminal Behaviour and Mental Health*, v. 21(2), p. 99- 106, 2011.

BERNARDES, N. M. G. Autonomia/submissão do sujeito e identidade de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.85, p. 43-53, 1993.

BORGES, T. A. S. *Memórias do bullying*. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2015.

BOWLBY, J. Separação: Angústia e raiva. In: Apego e perda: (Vol. 2). São Paulo: Martins Fontes, 1973/1984.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Saúde na Escola*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola?id=16795>> Acesso em: 02 Nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde, *Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola*. Brasília; 2009. (Cadernos de Atenção Básica, n. 24).

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>> Acesso em: 08 Nov. 2015.

BRITO, C. C.; OLIVEIRA, M. T. Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v.89, n.6, p. 601-607, Dez. 2013.

BRUNER, J. S. *Nature and uses of immaturity*. *American Psychologist*, v.27, n.8, p. 687-708, 1972.

BUSSAB, V. S. R.; RIBEIRO, F. L. Biologicamente cultural. In: SOUZA L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Ed.). *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes*, São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 175- 193, 1998.

CAMACHO, L. M. *Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si [tese]*. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2000.

CARD, N. et al. Direct and indirect aggression during childhood and adolescence: A meta-analytic review of gender differences, intercorrelations, and relations to maladjustment. *Child Development*. v.79, n.5, p.1185-1229, 2008.

CILLESSEN, A. H. N., & MAYEUX, L. From censure to reinforcement: Developmental changes in the association between aggression and social status. *Child Development*. v.75, p.147-163, 2004.

CONEP. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 27 Fev. 2015.

COZBY, P.C. Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento. São Paulo: Atlas, 2003.

DALBOSCO, C. A. et al. (Orgs.) *Filosofia e Pedagogia: aspectos históricos e temáticos*. Campinas, SP: Autores Associados, p. 225 – 228, 2008.

DALOSTO, M. M; ALENCAR, E. M. L. S. Manifestações e prevalência de bullying entre alunos com altas habilidades/superdotação. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.19, n.3, p. 363-378, Set. 2013.

DARWIN, C. A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida. (A. C. Mesquita, Trad.). São Paulo: Escala, 1859/2009.

DAUNIS, R. *Jovens: Desenvolvimento e identidade – Troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, p.82. 2000.

DAVIS, F. *A comunicação não-verbal*. Tradução de Antonio Dimas. 4.ed. (Coleção Novas Buscas em Educação, v.5) São Paulo: Summus, 1979. Título original: *Inside intuition: what we know about nonverbal communication*, 1973.

DERBABIEUX, E. Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas? In: DEBARBIEUX, E; BLAYA, C. (Orgs.). *Violência nas escolas: dez abordagens europeias*. Brasília: UNESCO. p.13-29, 2002.

DUQUE, D. Bullying: A violência invisível. *Revista Dimensão*, v.49, p.24-25, 2007.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 7.ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2012.

FEIST, J.; FEIST, G. J. *Teorias da personalidade*. 8.ed. Porto Alegre: McGraw-Hill, p. 319, 2008.

FERREIRA, I. R. C; MOYSÉS S. J.; FRANÇA, B. H. S.; MOYSÉS, S. T. *Avaliação da intersectorialidade no Programa Saúde na Escola: utilização da metodologia de avaliação rápida*. Curitiba: Editora Champagnat, p. 70, 2014.

FLORES, R. Z. A Biologia na violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, n. 1, p. 197-202, 2002.

FRANCISCO, M. V; COIMBRA, R. M. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estudos de Psicologia*, v. 20, n. 3, p. 184-195, Julh. / Set., 2015.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v.16, n.1, p.55-60, Jun. 2012.

FROST, L. Theorizing the young woman in the body. *Body and Society*, v.11, n.1, p.63-85, 2005.

FU, Q.; LAND, K.C.; LAMB, V. L. Bullying victimization, socioeconomic status and behavioral characteristics of 12th graders in the United States, 1989 to 2009: repetitive trends and persistent risk differentials. *Child Indicators Research*, v. 6 (1), p. 1-21, 2013.

FUNG, A. L. C. Intervention for aggressive victims of school bullying in Hong Kong: A longitudinal mixed-methods study. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 53, n.4, p. 360-7, 2012.

GEARY, D. C.; BJORKLUND, D. F. Evolutionary developmental psychology. *Child Development*, v.71, n. 1, p. 57-65, 2000.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988. Título original: *Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity*, 1988.

GONÇALVES, D. M. Violência e identificação de raça como consequência da categorização de grupo. *Estudos de Psicologia*, v.15, n. 1, p. 97-102, 2010.

HABIGZANG, L. F. et al. *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática*. Porto Alegre: Artmed, p.139–141, 2012.

HAMILTON, W. D. The genetical evolution of social behavior I. *Journal of theoretical Biology*, n.7. v.1, p. 1-16, 1964.

HANSEN, J. et al. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Revista brasileira de crescimento desenvolvimento humano*, v.17, n.2, p. 133-143, 2007.

HASTIE, R. Problems for judgment and decision making. *Annual Review of Psychology*, v. 52, p. 653-683, 2001.

HATTORI, T. W.; CASTRO, F. N. As origens do amor: evolução da escolha de parceiros. In: VIEIRA, M. L.; OLIVA, A. D. (Orgs.) *Evolução, cultura e comportamento humano*. Florianópolis: Edições do Bosque, v.1. p. 220-281, 2017.

HATTORI, W. T., SOUZA, A. A. L.; GUEDES, A. C. B. Psicologia Evolucionista. In: GENERALI, S. G. (Ed.). *Psicologia Aplicada à Administração*. São Paulo: Elsevier, p. 105-128, 2011.

HATTORI, W. T.; YAMAMOTO, M. E. Evolução do comportamento humano: Psicologia evolucionista. *Estudos de Biologia*, v. 34, n. 83, p. 101-112, 2012.

HEILBORN, M. L. Usos e abusos da categoria de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.) *Y Nosotras latino-americanas?* Estudos sobre gênero e raça. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, p.39–44. 1992.

HENNING, L. M. P.; ABBUD, M. L. M. (Org.) *Violência, Indisciplina e Educação*. 1ed. Londrina: EDUEL, p. 127-138, 2010.

JONES, J. M. *Prejudice and racism*. Reading, Massachusetts: Addison Wesley. (1972).

KIRIAKIDIS, S. P. Prediction of bully and victim status among young male offenders. *Hellenic Journal of Psychology*, v.6, p. 66-79, 2009.

KNAPP, M.; HALL, J. *Comunicação não-verbal na interação humana*. São Paulo: Editora JSN, 1999.

KOKKINOS, C. M.; PANAYIOTOU, G. Parental discipline practices and locus of control: relationship to bullying and victimization experiences of elementary school students. *Social Psychology of Education*, v.10, n.3, p. 281–301, 2007.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. (Org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LANE, S. *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEME, M. I. The management of school violence. *Revista Diálogo Educacional*, v. 9, p. 541-55, 2009.

LIEN, L.; WELANDER-VATN, A. Factors associated with the persistence of bullying victimization from 10th grade to 13th grade: a longitudinal study. *Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health*, v. 9, p. 243–250, 2013.

LOPES, N.; ARAMIS, A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v.81, n.5, supl. p. 164-172, Nov. 2005.

LOPES NETO, A; SAAVEDRA, L. H. *Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

LOPES, R. G; VASCONCELLOS, S. Implicações da Teoria da Evolução para a Psicologia: a perspectiva da Psicologia Evolucionista. *Estudos de Psicologia*, v.25, n.1, p. 123-130, 2008.

LORDELO, E. R.; BICHARA, I. D. Revisitando as funções da imaturidade: uma reflexão sobre a relevância do conceito na Educação Infantil. *Psicologia USP*, v.20, n.3, p. 337-354, 2009.

LORDELO, E. R. A Psicologia Evolucionista e o conceito de cultura. *Estudos de Psicologia*. v.15, n. 1, p. 55-62, 2010.

LORDELO, E. R. Investimento parental e desenvolvimento da criança. *Estudos de Psicologia*, v.11, n.3, p. 257-264, 2006.

MACEDO, M. M. K.; CARRASCO, L. K. *(Con) textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.



MANFROI, E. C.; MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.21, n. 1, p. 59-69, 2011.

MANSON, G. J. Stereotypes: a critical review. *Animal Behavior*, v. 41, p 1015-1037, 1991.

MARINI, Z. A et al. Direct and indirect bully-victims: differential psychosocial risk factors associated with adolescents involved in bullying and victimization. *Aggressive Behavior*, v. 32, p. 551–569, 2006.

MARINHO-ARAÚJO, C. M.; ALMEIDA, S. F. C. *Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional*. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2008.

MELLO, L. C. *Avaliação e intervenção psicossocial e nutricional com crianças em condições de sobrepeso e obesidade*. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2008.

MENDES, D. M. L. F.; MOURA, M. L. S. Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.9, n.2, p.307-327, 2009.

MEYER, D. E. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*. Porto Alegre: Artmed, p. 359-361, 2007.

MILIAN, C. G. Bullying: discussão sobre atitudes escolares. In: *III CELLI Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários: Anais*. Maringá: CELLI, p. 221-9, 2009.

MILLER, G. *Darwin vai às compras: sexo, evolução e consumo*. Tradução de Elena Gaidano. 2.ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012. Título original: *Spent: sex, evolution, and consumer behavior*, 2009.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. S7-S18, 1994.

MORENO, E. A. C. et al. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de bullying em escolas públicas e privadas. *Revista Enfermagem UERJ*, v.20, n.2(esp), p. 808-813, Dez. 2012.

MORRIS, D. *Você – Um estudo objetivo do comportamento humano*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria (Rio J)*, Porto Alegre, v.87, n.1, p. 19-23, Fev. 2011.

- MOOIJ, T. Differences in pupil characteristics and motives in being a victim, perpetrator and witness of violence in secondary education. *Research Papers in Education*, v. 26(1), p. 105-28, 2011.
- NASCIMENTO, A. M. T.; MENEZES, J. A. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v.25, n.1, 2013.
- NATIVIDADE, J. C.; SILVANO, M. B.; FERNANDES, H. B. F. Diferenças entre homens e mulheres: desvendando o paradoxo. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.119-122, Mar. 2014.
- NESELLO, F. et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v.14, n.2, p. 1519-3829, Jun. 2014.
- OLIVEIRA, F. F.; VOTRE, S. J. Bullying in physical education classes. *Revista Movimento (Porto Alegre)*, 12, p. 173-97, 2006.
- OLIVEIRA, J. C.; BARBOSA, A. J. G. Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.25, n.4, p.747-755, 2012.
- OLWEUS, D. *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford, UK: Blackwell, 2006.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 12.ed. Porto Alegre, RS: Artmed. 2013.
- PAREDES, O. L. et al. "Bullying" en las facultades de medicina colombianas: mito o realidad. *Revista Facultad de Medicina*, Bogotá, v.18, n.2, Dez. 2010.
- PEREIRA, S. M. SOUZA. *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulus, 2014.
- PINKER, S. *Tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- POLIPPO, P, M. et al. Produção científica brasileira sobre psicologia evolucionista. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v.9, n. 2, p. 277 – 289, 2016.
- PRODÓCIMO, E. et al. Os adolescentes brasileiros e a violência entre pares na escola: o fenômeno visto de dentro para fora. *Interações*, n. 25, p. 202-225, 2013.
- PURCELL, R. et al. Stalking among juveniles. *The British Journal of Psychiatry*, v. 194, n.5, p. 451-455, 2009.

- RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, S. G; CONSTANTINO, P; AVANCI, J. Q. (Orgs.) *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora Fiocruz, 2010.
- RECH, R. R. et al. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *Jornal de Pediatria (Rio J.)*, Porto Alegre, v.89, n.2, p. 64-170, Abr. 2013.
- ROCHA, A. (Orgs.) *As novas fronteiras: a multinacionalização das empresas brasileiras*. Rio de Janeiro: Mauad, p.148, 2003.
- ROLIM, M. F. *Bullying: o pesadelo da escola*. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 2008. 174f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SAMPAIO, L. R; CAMINO, C. P. S; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009 .
- SANDERS, C.E; PHYE, G. D. *Bullying: implications for the classroom*. California: Elsevier Academic Press, 2004.
- SANDSTROM, M. J.; COIE, J. D. A developmental perspective on peer rejection: Mechanisms of stability and change. *Child Development*. v.7, n.4, p.955-966, 1999.
- SANTOS, E. G. *Empatia e bullying, em alunos do 4.º e do 6.º ano*. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Formação Pessoal e Social) - Universidade de Lisboa - Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- SANTOS, M. M.; KIENEN, N. Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v.22, n.1, p. 161-178, Abr. 2014.
- SANTROCK, J. W. *Adolescência*. 14.ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2014. p.347-349, 2003.
- SAWYER, J. L.; MISHNA, F.; PEPLER, D; WIENER, J. The missing voice: parents' perspectives of bullying. *Children and Youth Services Review*, v. 33(10), p. 1795-803, 2011.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna* (8a ed.). São Paulo: Thomson, 2006.
- SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5-22, 1990.
- SILVA, A. B. B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SILVA, C. E. et. al. Violence among peers: a case study in a public school in Esteio/RS - Brazil. *Psicologia Escolar Educacional*, v. 16, p. 83-93, 2012.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do bullying. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.17, n.2, p. 247-254, Jun. 2012.

SPINELLI, L. H. P.; HATTORI, W. T.; SOUSA, M. B. C. Por que mulheres não preferem homens muito mais velhos que elas? Uma hipótese baseada em alterações da fisiologia reprodutiva masculina relacionadas ao aumento da idade. *Estudos de Psicologia*, v.15, n.1, p. 119-123, 2010.

TOOBY, J.; COSMIDES, L. Conceptual foundations of evolutionary psychology. In: BUSS, D. M. (Ed.). *The handbook of evolutionary psychology*. New York: Wiley, p. 5-67, 2005.

TRIVERS, R. L. Parental Investment and Sexual Selection. In: CAMPBELL, B. (Ed.), *Sexual Selection and the Descent of Man, 1871-1971*. Chicago: Aldine Publishing, p. p. 136-207, 1972.

VARELLA, M. A. C. et al. Mal-entendidos sobre a psicologia evolucionista: somos dominados por genes ou por outros equívocos? In: VIEIRA, M. L.; OLIVA, A. D. (Orgs.) *Evolução, cultura e comportamento humano*. Florianópolis: Edições do Bosque, v.1. p. 13-100, 2017.

VASCONCELLOS, S. J. L.; GAUER, G. J. C. Revisão: a abordagem evolucionista do transtorno de personalidade anti-social. *Revista de Psiquiatria*, Rio Grande do Sul, v. 26, n.1, p. 78-85, 2004.

VIANNA, C; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, J. G. (Org.) *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, p.93-105, 1998.

VILLACA, F. M.; PALACIOS, M. Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Rio de Janeiro, v.34, n.4, Dez. 2010.

WANG, R. H. et al. Risk and protective factors for suicidal ideation among Taiwanese adolescents. *Nursing Research*. v.60, n. 6, p. 413-421, 2011.

WEBER, M.; ZIEGELE, M.; A. Blaming the victim: the effects of extraversion and information disclosure on guilt attributions in cyberbullying. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 16, n.4, p. 254-259, 2013.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.25, n.1, p. 73-87, Jun. 2013.

WILSON, E. O. *Sociobiology: the new synthesis*. Cambridge: Belknap, Harvard. 1975.

WILLIAMS, G. C. *Adaptation and Natural Selection*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1966.

WOLF, N. O mito da beleza: como imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1992.

WRIGHT, R. *O animal moral: a nova ciência da Psicologia Evolucionista*. São Paulo: Campus, 2005.

YAMAMOTO, M. E. Introdução: Aspectos históricos. In: OTTA, E.; YAMAMOTO, M. E. (Ed.). *Psicologia Evolucionista*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1-9, 2009.



## ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
 “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
 Faculdade de Ciências  
 Campus de Bauru – SP

Pesquisadora: Mariana Vicente Galli

Orientador: Sandro Caramaschi

Título da Pesquisa: BULLYING: CARACTERÍSTICAS DESENCADEADORAS NA OPINIÃO DE UNIVERSITÁRIOS

Caro participante,

Gostaria de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada BULLYING: CARACTERÍSTICAS DESENCADEADORAS NA OPINIÃO DE UNIVERSITÁRIOS, que refere-se a uma Pesquisa de Mestrado, na área de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Ciência, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru. O objetivo desta pesquisa é investigar quais características físicas, sociais, comportamentais, étnicas, sexuais e emocionais, com distinção de sexo, influenciam para a prática de *bullying* na opinião de universitários, além de identificar as várias formas de agressão à imagem pública nas seguintes etapas do desenvolvimento: adolescência e adulto jovem.

Sua forma de participação consistirá em responder um questionário com escalas compostas por características físicas, sociais, comportamentais, étnicas, sexuais e emocionais, relacionadas ao tema *bullying*.

Os resultados contribuirão para que se tenha uma ferramenta a mais no campo científico para conhecer o fenômeno *bullying*, uma vez que pesquisas qualitativas e com distinção de sexo são escassas neste assunto. Este estudo também irá contribuir no âmbito social, com a possibilidade de propostas práticas de intervenção e prevenção para grupos específicos de vítimas de *bullying*.

Vale ressaltar que:

- sua participação é voluntária e uma eventual recusa não lhe trará qualquer prejuízo;
- as informações que você fornecer e possíveis resultados serão utilizados em trabalhos científicos, mas sua identidade sempre será preservada;
- caso aceite participar, e tenha dúvidas ao longo do processo estarei à disposição;
- sua participação na presente investigação se dará em um único encontro de aproximadamente uma hora;
- não existe nenhum risco significativo em participar desta pesquisa;
- não será cobrado nada e não haverá gastos;
- você terá acesso aos resultados da pesquisa após a defesa da dissertação da pesquisadora;
- você é livre para desistir da participação no trabalho em qualquer momento.

Após ter tomado conhecimento dessas informações e aceitar participar voluntariamente do trabalho, sem ter sofrido qualquer pressão:

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar desta pesquisa, ciente de que minha participação é voluntária e estou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa sem nenhuma espécie de prejuízo.

Bauru, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Desde já agradeço sua atenção e participação e coloco-me à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a responsável principal pelo contato:

Mariana Vicente Galli: (16) 981682155  
 Seção Técnica de Pós-Graduação (Faculdade de Ciências): (14) 3103-6077 ou 3103-6174  
 e-mail: [pospsi@fc.unesp.br](mailto:pospsi@fc.unesp.br)



## ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
 “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
 Faculdade de Ciências  
 Campus de Bauru – SP

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO: F ( ) M ( )

CURSO: \_\_\_\_\_

ESCOLA DO ENSINO MÉDIO: ( ) Pública ( ) Privada

CIDADE DE ORIGEM: \_\_\_\_\_

1) Em relação às práticas de *bullying* no passado. Você costumava ser:

EMISSOR	RECEPTOR	ESPECTADOR
( ) Muito frequente	( ) Muito frequente	( ) Muito frequente
( ) Frequentemente	( ) Frequentemente	( ) Frequentemente
( ) Às vezes	( ) Às vezes	( ) Às vezes
( ) Raramente	( ) Raramente	( ) Raramente
( ) Nunca	( ) Nunca	( ) Nunca

2) Em relação ao *bullying* no período escolar do 9º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Quais características do sexo feminino e masculino eram mais suscetíveis a esta prática?

FEMININO	MASCULINO

3) As pessoas no ambiente universitário, por vezes, sofrem *bullying*. A que características você acredita que levam a esta situação?

FEMININO	MASCULINO

4) Você observa essa prática com mais frequência em relação à homens ou mulheres?

( ) HOMENS ( ) MULHERES